

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**GABRIELA ALVES DOS SANTOS**

**#OCUPAMENDES: UMA ANÁLISE DO PERFIL DOS ESTUDANTES DO  
MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO NO COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO MENDES  
DE MORAES.**

RIO DE JANEIRO

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**Gabriela Alves dos Santos**

**#OCUPAMENDES: UMA ANÁLISE DO PERFIL DOS ESTUDANTES DO  
MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO NO COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO MENDES  
DE MORAES.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosana Heringer

RIO DE JANEIRO

2019

## CIP - Catalogação na Publicação

A237

Alves dos Santos, Gabriela  
#OCUPAMENDES: UMA ANÁLISE DO PERFIL DOS  
ESTUDANTES DO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO NO COLÉGIO  
ESTADUAL PREFEITO MENDES DE MORAES. / Gabriela  
Alves dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2019.  
86 f.

Orientador: Rosana Rodrigues Heringer.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-  
Graduação em Educação, 2019.

1. Juventude(s). . 2. Ensino Médio.. 3. Participação  
juvenil.. 4. Redes.. 5. Ocupações.. I.  
Rodrigues Heringer, Rosana, orient. II. Título.



**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Faculdade de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Dissertação "**#OCUPAMENDES: UMA ANÁLISE DO PERFIL DOS ESTUDANTES DO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO NO COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO MENDES DE MORAES.**"

Mestrando(a): Gabriela Alves dos Santos

Orientado(a) pelo(a): **Prof(a). Dr(a). Rosana Rodrigues Heringer**

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

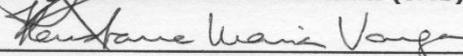
**MESTRE EM EDUCAÇÃO**

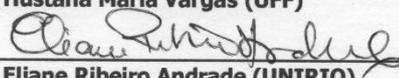
Rio de Janeiro, 26 de setembro de 2019.

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
**Prof(a). Dr(a). Rosana Rodrigues Heringer (UFRJ)- Presidente**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof(a). Dr(a). Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato (UFRJ)**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof(a). Dr(a). Hustana Maria Vargas (UFF)**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof(a). Dr(a). Eliane Ribeiro Andrade (UNIRIO)**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que contribuíram com este trabalho no decorrer desta jornada,  
especialmente:

ao meu grande amor e marido, Marco Antônio, que me compreendeu e auxiliou sempre que necessário, com muita paciência e carinho para que eu não desistisse;

ao meu pai, Marciano Sacramento, que mesmo sem oportunidades de estudar, sempre valorizou a educação para os seus filhos;

à minha amada irmã Flávia Márcia, que sempre foi um exemplo de mulher, luta, inteligência e resistência para mim;

à minha humilde e sorridente família, que mesmo sem entender muito bem do que se trata essa trajetória do Mestrado, me admiram e torcem por cada vitória que conquisto;

à minha querida orientadora, Rosana Heringer, que desde a graduação esteve ao meu lado me proporcionando enxergar a vida acadêmica de diversas formas, me orientando e sendo paciente com os momentos de pensamentos negativos em relação à minha formação, me dando todo o suporte;

à amiga Mayara Oliveira, a quem tive a felicidade de conhecer no período do mestrado, fazendo parte do mesmo grupo de pesquisa, trocando experiências acadêmicas, pessoais, conselhos, me dando força para continuar de pé, mesmo nos piores momentos.

aos funcionários e alunos do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, que me receberam muito bem para que a realização desta pesquisa fosse concretizada.

a todos os meus amigos que de alguma forma me ajudaram a passar por esse período, seja em um bate-papo informal, ou em um estudo mais profundo;

à Universidade Federal do Rio de Janeiro, que me proporcionou o trabalho como pesquisadora, valorizando a pesquisa para a formação tanto individual tanto coletiva do cidadão, em especial, à Faculdade de Letras e à Faculdade de Educação, que me fizeram ser a Educadora que sou, respeitando a diversidade existente entre os indivíduos e fazendo minha parte no que se refere à educação.

Muito obrigada!

## RESUMO

SANTOS, Gabriela Alves. **#OCUPAMENDES: UMA ANÁLISE DO PERFIL DOS ESTUDANTES DO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO NO COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO MENDES DE MORAES.** Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A juventude, de forma geral, muitas vezes é tida como um grupo homogêneo e estereotipado, no entanto, a realidade juvenil possui múltiplas dimensões estabelecendo assim o que chamamos de condição juvenil, sobretudo no que tange às relações entre os jovens e a escola e os jovens e movimentos sociais, políticos, culturais, demonstrando que há vários modos de ser jovem. O período que é considerado, atualmente, como a fase da juventude, é compreendido entre 15 e 29 anos completos a partir de 2010 com a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional n. 65, que ficou conhecida como a PEC da Juventude. Esses jovens, em relação à Educação Básica, devem fazer parte do nível médio de ensino e do nível superior. Neste trabalho, analisamos a parcela da juventude que se encontra no Ensino Médio do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, localizado na Ilha do Governador, zona norte do Rio de Janeiro, diante do fenômeno ocorrido no ano de 2016, intitulado de Ocupações. O movimento se posicionava contra a Proposta de Emenda Constitucional que dizia respeito ao orçamento da União destinado à educação e à saúde, como também à Medida Provisória de Reforma do Ensino Médio. Este fenômeno traz para o diálogo assuntos que abordam a questão da participação dos jovens na sociedade contemporânea e suas formas de participação. Os jovens trouxeram para o movimento novas formas de viver, pensar em um novo formato de luta social. Utilizaram o corpo como forma de protesto e resistência, quando assumem o comando das atividades das instituições de ensino, invertendo toda a lógica hegemônica da estrutura escolar. Em um mundo globalizado, faz-se necessário pensar em como se estabeleceram as estratégias utilizadas pelos alunos nesse movimento, de tal modo que o movimento ganha maior dimensão através das redes de articulação e de comunicação, especialmente, pelo potencial da internet como ferramenta para disseminação de conteúdos informativos de caráter político e social. Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar, através da aplicação de um questionário, o perfil e as percepções dos estudantes que, em 2018, estavam no terceiro ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, a partir do movimento de ocupação ocorrido na escola no ano de 2016, em que a maioria destes mesmos alunos se encontrava no primeiro ano dessa etapa de escolarização, com base em concepções teóricas produzidas principalmente na perspectiva da Sociologia da Educação.

Palavras-chave: Juventude(s). Ensino Médio. Participação juvenil. Redes. Ocupações.

## ABSTRACT

SANTOS, Gabriela Alves. **#OCUPAMENDES: NA ANALYSIS OF THE PROFILE OF STUDENTS WHO TOOK PART IN THE OCCUPY MOVEENT IN COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO MENDES DE MORAES.** Rio de Janeiro, 2019. Master thesis (Master in Education) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Youth, in general, is currently seen as an homogenous and stereotyped group, however the youth encompasses multiple dimensions stablishing thus what we call youth condition, mainly in what has to do with the relationship between young people an school, young people and social, political and cultural movements, presenting different ways of being young. The period considered nowadays as youth is that one between 15 and 29 years old. This has been defined in Brazil with the approval in 2010 of the Constitutional Amendment 65, which has been known as PEC of young people. The general objective of this research was to analyze, through the application of a questionnaire, the profile and perceptions of the students who, in 2018, were attending the third year of high school at the Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, in face of the occupy movement that occurred in the school in 2016, in which most of these same students were attending the first year of high school. The analysis is based on theoretical conceptions produced mainly in the perspective of Sociology of Education, known as Occupy. The movement opposed the Proposal of Constitutional Amendment that addressed the federal budget to be applied to education and health, as well as the proposal of reform of high school in Brazil. This phenomenon made it possible to reflect about different forms of political participation of young people in contemporary society. The young people brought to the movement new ways of being at school and reflections about a new form of social struggle. Thei have used their bodies as a way of protesting and resistance, taking the leadership of developing school activities, inverting the hegemonic and hierarchical logic of school structure. It ws also analyzed the strategies used by the students in this movement, such as communication and networking, in such a way that the movement has gained a bigger dimension, especially through the potential of internet as a tool to disseminate social and political contents.

Keywords: Youth(s). Hight school. Youth participation. Networks. Occupations.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de Matrículas no ensino Médio (total integrado à educação profissional) – Brasil 2014 a 2018.	32
Gráfico 2- Taxa de distorção idade-série do ensino médio por rede de ensino e sexo – Brasil – 2018.	33
Gráfico 3- Idade dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM	58
Gráfico 4- Sexo dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM	59
Gráfico 5- Raça dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM	59
Gráfico 6- Local de moradia dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM	60
Gráfico 7- Com quem alunos estudantes do 3º ano do CEMM moram.	61
Gráfico 8- Situação de trabalho dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM	62.
Gráfico 9- Desejo de ingressar no Ensino Superior dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM.	63
Gráfico 10- Cursos pretendidos pelos alunos estudantes do 3º ano do CEMM.	64
Gráfico 11- Percentual dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM que se inscreveram no ENEM/SISU.	65
Gráfico 12- Opção caso os alunos estudantes do 3º ano do CEMM não ingressem no Ensino Superior.	66
Gráfico 13- Os alunos estudantes do 3º ano do CEMM que ocuparam ou não a escola.	67
Gráfico 14- Percentual dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM que participaram indiretamente das ocupações.	68
Gráfico 15- Como os alunos estudantes do 3º ano do CEMM participaram das ocupações.	69
Gráfico 16- Percentual dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM que já participaram de algum tipo de manifestação.	75
Gráfico 17- Percentual dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM que consideraram o movimento positivo ou não.	76
Gráfico 18- Houve mudança na escola após o movimento de ocupação.	78
Gráfico 19- Os alunos estudantes do 3º ano do CEMM continuam se envolvendo em atividades em prol da escola.	79

## LISTA DE SIGLAS:

AAE	Associação de Apoio à Escola
AMIG	Associação de Moradores da Ilha do Governador –
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
D.I.Y	<i>Do It Yourself</i>
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPT	Educação Profissional
ESP	“Escola sem partido”
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JEC	Jornada Escolar.
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LOCE	Lei Orgânica Constitucional de Ensino
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MPL	Movimento Passe Livre
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONGs	Organizações não governamentais
PMDB	Movimento Democrático Brasileiro
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego,
PROUNI	Programa Universidade para Todos

PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SAERJ	Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro
SEEDUC	Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro
SEPE	Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação
SEPE/RJ	Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação Rio de Janeiro
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
SOE	Serviço de Orientação Educacional
SOP	Serviço de Orientação Pedagógica
USP	Universidade Estadual de São Paulo

## SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO .....	13
2. O QUE É SER JOVEM? .....	19
2.1 Discussão sobre juventude(s) .....	19
2.2 Modos de ser jovem.....	22
2.3 Culturas Juvenis.....	24
3. ENSINO MÉDIO NO BRASIL HOJE .....	27
3.1 Breve panorama histórico do Ensino Médio .....	27
3.2 Desafios do Ensino Médio Brasileiro.....	32
4. OCUPAÇÕES: QUE MOVIMENTO FOI ESSE?.....	36
4.1 Um panorama do movimento OCUPA ESCOLA: Participação da Juventude.....	37
4.2 Redes e mobilização .....	41
5. #OCUPAMENDES: DE QUAL ESCOLA ESTAMOS FALANDO?.....	46
5.1 Colégio Estadual Prefeito Mendes De Moraes: O Pioneiro. ....	46
5.2 Os estudantes e a escola.....	53
Infraestrutura (dependências).....	<b>54</b>
Equipamentos .....	55
Saneamento Básico .....	55
6. QUEM SÃO OS JOVENS QUE FIZERAM PARTE DO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO NO MENDES: ANÁLISES COM BASE NO PERFIL DOS ESTUDANTES .	57
6.1 Aspectos Metodológicos da Pesquisa .....	57
6.2 Perfil dos estudantes pesquisados.....	59
6.2.1 Idade .....	<b>59</b>
6.2.2 Sexo.....	60
6.2.3 Cor/Raça.....	61
6.2.4 Local de Moradia .....	62
6.2.5 Com quem mora.....	62
6.2.6 Situação de trabalho .....	63
6.2.7 Desejo de Ingressar no Ensino Superior .....	64
6.2.8 Cursos Pretendidos.....	65
6.2.9 Inscreveu-se no ENEM/SISU 2018 .....	66
6.2.10 Opção caso não ingresse no Ensino Superior.....	67
6.3 Participação e percepção dos estudantes pesquisados sobre a ocupação da escola em 2016.....	67
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	80
8. REFERÊNCIAS .....	83
9. ANEXO.....	86

*"O que eu consigo ver é só um terço do problema  
É o Sistema que tem que mudar  
Não se pode parar de lutar  
Se não não muda  
A Juventude tem que estar a fim  
Tem que se unir  
O abuso do trabalho infantil, a ignorância  
Só faz destruir a esperança  
Na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério  
Deixa ele viver. É o que Liga"*

**(Trecho da música “Não é sério” - Charlie Brown Jr**

## 1. INTRODUÇÃO

De forma geral, quando se fala do público jovem, muitas pessoas cogitam a ideia de um grupo unificado, muitas vezes homogêneo e estereotipado, sem se dar conta da realidade da juventude e das múltiplas dimensões da condição juvenil, sobretudo no que tange às relações entre os jovens e a escola e os jovens e movimentos sociais, políticos, culturais.

Essas considerações também se aplicam ao analisar a juventude brasileira contemporânea, uma vez que analisá-la para além dos estereótipos, se torna urgente em um cenário político e social conturbado, tendo em vista a necessidade de luta por direitos dos sujeitos que se encontram nessa fase da vida.

No início do século XXI, formuladores de políticas públicas trouxeram contribuições importantes para este debate, tais como a implantação de uma Política Nacional de Juventude em 2005, como a criação de uma Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve). Com a criação desses órgãos, entre outras ações, ocorreu uma maior visibilidade das questões referentes à juventude, a partir de organizações juvenis como, por exemplo, coletivos, grupos, movimentos, a fim de expor as demandas desses sujeitos, culminando na promulgação do Estatuto da Juventude com a Lei nº12.852 em 2013, realçando a construção de um apoio concreto na proteção social e no bem-estar dos jovens.

Mas quem é identificado como jovem no Brasil? De acordo com Ana Karina Brenner e Paulo Carrano (2014) o jovem passou a ser definido como o grupamento social compreendido entre 15 e 29 anos completos a partir de 2010 com a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional n. 65, que ficou conhecida como a PEC da Juventude. O termo jovem foi incorporado, então, ao texto da Constituição Federal. Este grupo é dividido em três subgrupos: 1. o jovem-adolescente, com idade entre 15 e 17 anos; 2. o jovem-jovem, entre 18 e 24 anos; e 3. o jovem adulto, com idade entre 25 e 29 anos.

Dialogo com autores que vão trabalhar com a noção de que não existe uma juventude e, sim, diversas formas de vivenciar a juventude a partir de suas múltiplas relações e contextos. Juarez Dayrell (2007) explora as múltiplas dimensões da condição juvenil, relacionando vários aspectos como as culturas, a sociabilidade, o tempo e o espaço que configuram esses sujeitos. Além disso, discutir a juventude na contemporaneidade nos remete a entender que a noção de juventude é uma construção social, cultural e bastante diversificada.

Analisando caminhos para a investigação dessa pesquisa, uma pergunta que surge com frequência se relaciona com a reflexão do que é o ensino médio público no Brasil, que atende

esses sujeitos com suas múltiplas demandas. Destaco a colocação de Sposito (2005): “A partir da década de 1990, com a sua expansão [do ensino médio], passam então a receber um contingente cada vez mais heterogêneo de alunos, marcados pelo contexto de uma sociedade desigual, com altos índices de pobreza e violência, que delimitam os horizontes possíveis de ação dos jovens na sua relação com a escola. Esses jovens trazem consigo para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias escolares e colocando novos desafios à escola”.

Na história da educação básica no Brasil, temos a Constituição Federal de 1988, que assegura diversas garantias constitucionais, com o objetivo de dar maior efetividade aos direitos fundamentais conquistados pela sociedade brasileira, sobretudo à educação. Sendo assim, observamos também o papel da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96) garantindo o direito à educação. Nessa perspectiva de ampliação dos direitos, a Emenda Constitucional 59/2009, que alterou a Constituição Federal e prolongou o tempo da escolaridade obrigatória para as crianças e adolescentes dos quatro aos dezessete anos, contribui para o recorte do campo de investigação do Ensino Médio. Abordamos aqui, os sujeitos que se encontram nessa etapa de escolarização, uma vez que o ensino médio passa a ser obrigatório, trazendo novos desafios e reflexões desse nível educacional.

Em 2016, o governo federal enviou ao Congresso por Medida Provisória, a proposta de reforma do ensino médio, o que culminou em protestos estudantis e ocupação de escolas em várias capitais do país. Mais recentemente, no início de 2017, o governo federal promulgou a reforma no curso do Ensino Médio com a lei 13.415.

No endereço eletrônico da Anped<sup>1</sup>, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, consta uma entrevista datada de 17/03/2017 em que o Ministro da Educação na época, Mendonça Filho declara:

“A escola do ensino médio era estática, com 13 disciplinas obrigatórias. [O aluno] tem de assimilar aquele conteúdo de forma similar e igual para todos, como que cada um tivesse um perfil igual ao outro.”

Nesse contexto, volto meus olhos para os anos de 2015 e 2016, período em que se ocorre o movimento de ocupação em vários estados brasileiros, tanto nas escolas quanto nas universidades públicas. O movimento se posicionava contra a Proposta de Emenda

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/reforma-do-ensino-medio-entenda-o-que-esta-em-jogo-e-vozes-desconsideradas-no-processo>> Acesso em 27 out. 2017

Constitucional que dizia respeito ao orçamento da União destinado à educação e à saúde, como também à Medida Provisória de Reforma do Ensino Médio. Contudo, o movimento recebia como resposta o silenciamento de suas vozes, promovido pelos representantes do governo e pelos meios de comunicação, que não tardaram em desqualificar a ação dos estudantes e sua consequente criminalização<sup>2</sup>.

O ano de 2016 foi marcado por diversos acontecimentos importantes do ponto de vista político para a população brasileira, como o impeachment da presidente, um novo governo, prisões de políticos influentes e a crise econômica dos estados. No plano político, no dia 12 de maio de 2016, a então Presidente Dilma Rousseff, filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), foi afastada da chefia do Estado brasileiro pelo Senado Federal para ser julgada por um crime de responsabilidade, a fraude fiscal. No dia 31 de agosto, Dilma foi definitivamente destituída da Presidência, passando Michel Temer a ser o chefe de governo efetivo do país. Outro fator relevante, foi a operação Lava Jato<sup>3</sup>, um evento único na história brasileira, pois nunca uma operação judicial investigou tantos membros da elite política e da classe empresarial e levou tantos deles à cadeia torcendo a Lei, o que trará consequências nefastas para todos nós. Além disso, após o *impeachment*, o Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) toma como premissa o fato de o Brasil gastar muito com políticas públicas, fazendo-se necessária a construção de um equilíbrio fiscal por meio de cortes dos gastos públicos, significando assim, um forte retrocesso nas conquistas alcançadas nos governos liderados pelo PT desde 2003. Embora esse mesmo governo (PT) tenha alcançado conquistas, já vinha caminhando para o declínio e agravamento da situação político e econômica brasileira, gerando várias manifestações da sociedade civil, como o exemplo das Jornadas de Junho no ano de 2013.

Com as Jornadas de Junho, a população começou a se manifestar nas ruas com participação de vários segmentos da sociedade, inclusive com participação expressiva de parcela da juventude. De acordo com Gondim (2016) as manifestações irromperam em centenas de cidades brasileiras, cujo estopim foi a brutal repressão aos protestos contra o aumento das passagens de transportes coletivos em São Paulo. A rápida multiplicação dos protestos foi causada, principalmente, pela insatisfação com a política institucional, a corrupção e a escassez

---

<sup>2</sup> Disponível em <<http://www.anped.org.br/news/reforma-do-ensino-medio-entenda-o-que-esta-em-jogo-e-vozes-desconsideradas-no-processo>> Acesso 14/09/2019.

<sup>3</sup> Trata-se de uma ampla operação de investigação que passou a ser desenvolvida pela Polícia Federal em março de 2014, cujo alvo foi um gigante esquema de lavagem de dinheiro e subornos principalmente em torno de contratos da Petrobras – a maior empresa brasileira, de capital aberto, cujo maior acionista é o governo do Brasil – negociados por políticos, técnicos da empresa e empresas privadas de construção civil. Para muitos, é a maior investigação de corrupção da história brasileira.

de investimentos públicos em educação e saúde, em contraste com aqueles destinados a megaeventos esportivos sediados pelo Brasil.

Como já citado, a mobilidade urbana foi o estopim para o início das manifestações que ocorreram em 2013. Transportes públicos por todo o país, caros e de péssima qualidade, foram os alvos iniciais para a mobilização. A Região Nordeste, nas suas principais metrópoles como Salvador, Recife e Fortaleza, tinha um sistema de transportes de massa muito precário, o deslocamento casa-trabalho era superior a uma hora, levando em consideração somente o trajeto de ida, o que só se ampliou na década seguinte. No Rio de Janeiro e em São Paulo esse tempo de deslocamento ainda é maior. Mesmo em cidades com o sistema de transporte mais eficiente, como Curitiba e Porto Alegre, a situação não melhorou. Cito Gondim (2016, p. 367)

A primeira delas, em 2003, foi a “Revolta do Buzu” (corruptela da palavra ônibus) em Salvador, que durou cinco semanas e reuniu milhares de estudantes universitários e secundaristas, muitos pertencentes a famílias de trabalhadores pobres (Zibechi, 2013). Em dez anos, ocorreram outros movimentos desse tipo: “revoltas da Catraca” em Florianópolis (2004 e 2005); mobilizações em Vitória (2005), Brasília (2009), São Paulo (2009, 2011), Teresina (2011) e Porto Alegre (abril de 2013) (Movimento Passe Livre, 2013). Por trás dessa face visível, foram criados comitês e coletivos que, durante o V Fórum Mundial de Porto Alegre, em 2005, fundaram o MPL.

O Movimento Passe Livre traz na sua Carta de Princípios as características do movimento: horizontalidade, autonomia, independência e apartidarismo, no entanto, o movimento não se caracteriza como antipartidário. O Movimento obteve êxito em desencadear manifestações massivas por todo o país e, além disso, outras pautas também foram acopladas a ele.

Somado a isso, a turbulência das manifestações de 2013, também se dava por conta da realização da Copa das Confederações de 2013, dos preparativos para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. A Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa publicou documentos e promoveu eventos acadêmicos e manifestações, denunciando a falta de transparência das ações do Poder Público relativas a planos, projetos, orçamentos e contratos relacionados aos megaeventos; o desperdício de recursos públicos com obras de prioridade discutível, com reformas ou construção de novos estádios; o desrespeito aos direitos trabalhistas nas obras contratadas. Uma das violações de direitos humanos enfatizada eram os despejos e remoções de comunidades pobres para dar lugar a obras de infraestrutura viária ou para a construção de equipamentos esportivos. (Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa, 2012).

Nesse contexto conturbado, ainda no final do ano de 2013, ocorreu a greve docente da rede municipal do Rio de Janeiro, em que estudantes e professores lutavam lado a lado, ratificando assim a participação juvenil na luta por melhorias na educação. Já em São Paulo, em 2015, por conta de uma reorganização escolar, proposta pelo governo de Geraldo Alckmin Filho (PSDB), os jovens começaram a se manifestar e se envolver com a luta por uma educação de qualidade, contra o fechamento de 94 escolas, muito inspirados na forma de organização dos secundaristas que participaram da “Revolta dos Pinguins”, ocorrida no Chile, no ano de 2006, onde mais de cem colégios chilenos foram ocupados por estudantes. Esses sujeitos cansados de ir para as ruas fazer protestos e perceber que a cobertura da mídia tradicional valorizava qualquer outro aspecto que não suas demandas, decidiram que ocupariam suas escolas e só desocupariam quando o governo nacional aceitasse dialogar sobre mudanças na educação do Chile. Segundo Dagmar M. L. Zibas (2008 p. 203) as reivindicações dos estudantes chilenos

Constava principalmente dos seguintes itens: gratuidade do exame de seleção para a universidade, passe escolar grátis e sem restrições de horário para transporte municipal, melhoria e aumento da merenda escolar e reforma das instalações sanitárias em mau estado em muitas escolas [...] Todavia, a ampliação do debate nas assembleias estudantis e a adesão de outros agentes políticos, como o sindicato docente, vieram dar maior profundidade e amplitude à pauta inicial, que passou a incluir, entre outros pontos, a anulação da Lei Orgânica Constitucional de Ensino (LOCE)<sup>4</sup> e a modificação ou anulação da Extensão da Jornada Escolar (JEC)<sup>5</sup>.

Embora os problemas chilenos com a educação sejam diferentes dos problemas brasileiros, os métodos de reivindicar o acesso a uma boa escola têm sido compartilhados, a partir do momento que os materiais criados por estudantes do Chile são difundidos entre alunos pela internet.

No Rio de Janeiro, em 2016, os estudantes se mobilizaram por melhorias em suas escolas, apoiaram a greve dos professores da rede estadual, que era articulada pelo Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (SEPE/RJ), e eram contrários aos cortes de verba para a educação. Vale destacar que o movimento de ocupação teve que resistir e criar estratégias de luta, pois sofreu com ataques de estudantes contrários, num movimento denominado “desocupa”, com a pressão dos diretores escolares, apoiados pelo governo do estado e, também, por meio de ações da polícia militar e pelo silenciamento da grande mídia sobre o movimento, sem dar voz aos estudantes, ou mesmo àqueles que apoiavam suas ações.

---

<sup>4</sup> A Lei Orgânica Constitucional de Educação (LOCE), promulgada em 10 de março de 1990, um dia antes do fim do regime militar, constituiu desde sua origem o eixo de discussão em matéria de qualidade da educação e condições educacionais, além de seus vícios de legitimidade.

<sup>5</sup> A JEC foi estabelecida nesta década em todo o sistema escolar chileno. Com ela, o tempo escolar diário, para todos os alunos, estende-se em geral das 8 horas da manhã até às 16h.

Nesse sentido, busco fazer uma investigação a partir da análise de dados obtidos através de um questionário, do perfil de um grupo de estudantes que participaram<sup>6</sup> desse fenômeno que frequentavam o ensino médio em uma escola estadual do Rio de Janeiro neste período, a fim de compreender se apoiavam ou não o movimento das ocupações, como participaram, se participaram da ocupação da escola e se o movimento trouxe alguma melhoria para a escola e para a vida dos mesmos. Trago Dayrell (2007, p.1118):

Na frequência cotidiana à escola, o jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços que, como vimos, constituem uma determinada condição juvenil que vai influenciar, e muito, a sua experiência escolar e os sentidos atribuídos a ela. Por outro lado, a escola que ele frequenta apresenta especificidades próprias, não sendo uma realidade monolítica, homogênea. Podemos afirmar que a unidade escolar apresenta-se como um espaço peculiar que articula diferentes dimensões. Institucionalmente, é ordenada por um conjunto de normas e regras que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos.

A fim de buscar elementos para compreender as ocupações, escolho como objeto de estudo alunos oriundos do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, situado no bairro da Freguesia, Ilha do Governador, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, por ter sido o pioneiro nas ações de ocupar e resistir no município do Rio e por impulsionar outros jovens, cujas escolas também passavam por dificuldades.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar o perfil e as percepções dos estudantes que, em 2018, estavam no terceiro ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, a partir do movimento de ocupação ocorrido na escola no ano de 2016, em que a maioria destes mesmos alunos se encontrava no primeiro ano dessa etapa de escolarização. Sendo assim, a pesquisa buscou investigar resultados sobre as percepções dos jovens a fim de compreender a importância do movimento na vida deles.

Como objetivos específicos, destacamos: I) refletir teoricamente sobre o que é ser jovem, englobando alguns temas como o modo de ser jovem e as culturas juvenis; II) retomar a história do ensino médio no Brasil a partir do século XX até os dias atuais, uma vez que essa etapa da escolarização é obrigatória, refletindo sobre os seus desafios; III) discutir conceitos como participação, mobilização e redes; IV) apresentar o Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes V) traçar o perfil geral dos estudantes do 3º ano do ensino médio do Mendes; VI) analisar algumas percepções do movimento de ocupação, dialogando com a importância de mobilizações sociais, políticas e das redes no universo juvenil.

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar que analiso tanto estudantes que ocuparam a escola, quanto estudantes que não ocuparam, ou seja, o trabalho é voltado para a análise dos dados gerais dos alunos que vivenciaram movimento de ocupação do Colégio Mendes de Moraes.

Este trabalho está organizado em sete capítulos, incluindo a introdução e as considerações finais. No segundo capítulo, logo após esta introdução, apresentamos, a discussão sobre juventude(s). Além disso, discorremos sobre os modos de ser jovem na sociedade contemporânea e as culturas juvenis. No terceiro capítulo, discutimos, de forma sucinta, o panorama histórico do ensino médio brasileiro do início do século XX até os dias atuais. Em seguida, focamos nos desafios encontrados nesse nível de ensino. No quarto capítulo, trazemos com um panorama geral do que foi o movimento OCUPA ESCOLA, apresentando a questão da participação dos jovens nesse contexto. Em seguida, mostramos conceitos como o de redes e mobilizações que são fundamentais para os movimentos sociais contemporâneos. No quinto capítulo, apresentamos o histórico do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes e a relação dos estudantes com a escola no momento da ocupação. No sexto capítulo, além de expormos os aspectos metodológicos da pesquisa, apresentamos o perfil dos alunos do terceiro ano do ensino médio do Mendes, segundo os dados do questionário aplicado aos alunos. E, por fim, nas considerações finais, retomamos os principais resultados das análises dos dados e tecemos comentários em relação ao ensino médio no Brasil e a relação dos jovens com a escola.

## **2. O QUE É SER JOVEM?**

Este capítulo está organizado em três partes. Primeiramente apresentamos a discussão sobre juventude(s). Posteriormente, trabalhamos a questão dos modos de ser jovem. Por fim, apresentamos a existência das múltiplas culturas juvenis. Todos esses temas são de extrema importância para mergulharmos no percurso do que foi o movimento de ocupação da escola, pois envolve alunos que se encontram no ensino médio público brasileiro e que partilham dessa fase que é a juventude.

### **2.1 Discussão sobre juventude(s)**

Para um início de discussão sobre a temática de juventude, é importante mencionar algumas reflexões sobre o que configura a juventude no campo da Sociologia, como geração, como uma condição histórico-social e como um grupo que se vale da sua homogeneidade e das suas múltiplas culturas juvenis.

Recorrendo a Marialice Foracchi, que já na década de 60, refina o seu olhar para o jovem, para além das características biológicas e cronológicas, contempladas pela faixa etária, observamos que seus estudos contribuem assim para o debate da condição juvenil na sociedade moderna. A autora entende a juventude como uma categoria polissêmica, uma vez que, dentro

de um contexto social, aspectos como a relação entre o jovem e o adulto (geração), os processos de transição para a vida adulta e a juventude como uma construção do sujeito diante de todas as pressões vividas em sociedade, ampliam as discussões e olhares sobre essa temática.

Em se tratando do conceito de gerações, Foracchi se apoia nas ideias de Mannheim, em que o autor chama atenção para o fato de que diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico, o que gera alguns conflitos entre os mais velhos e os mais novos, estendendo esse desafio até as instituições de ensino, apontando que as dificuldades existentes entre professores e alunos também estão relacionadas às orientações ou visões de mundo distintas de cada geração.

Nesse caminho e corroborando para a ampliação do entendimento sobre juventude, busco em José Machado Pais (1997), reflexões e análises que compreendem o ser jovem, por duas grandes linhas: Uma que considera a juventude como grupo social homogêneo, composto por indivíduos cuja característica mais importante é estarem vivenciando certa fase da vida, isso é, pertencerem a um dado grupo etário. Outra, de caráter mais difuso, que, em função de reconhecer a existência de múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e inserções na sociedade (situação socioeconômica, oportunidades, capital cultural etc.), define a juventude para muito além de um bloco único, no qual a idade seria o fator predominante. Ainda segundo o autor, embora tais visões impliquem diferentes estratégias de abordagem, elas não se anulam.

Pensando a primeira linha trazida por Pais (1997) como investigação, percebemos a juventude como uma fase da vida, que é marcada por transformações biológicas e psicológicas. É nessa fase inicial da juventude, também chamada de adolescência, que o sujeito fisicamente pode gerar filhos, ocorre menos necessidade de proteção da família, começa a assumir responsabilidades e a buscar independência. Já a segunda linha, caminha por outra perspectiva que é a classista, na qual a categoria juventude é denominada por relações sociais de classe, e a transição da condição de jovem para a condição de adulto está sempre pautada por desigualdades sociais.

Seguindo essa linha de pensamento, contribuições de Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2014), tornam-se necessárias ao apresentarem a juventude como uma categoria socialmente produzida, levando em conta que representações sobre a juventude apresentam análises particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. Para os autores, a superação da categoria juventude se estabelece quando ultrapassa os critérios de idade e/ou biológico, considerando-a “parte de um processo de ‘crescimento totalizante’, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social.”

Sendo assim, Pais (1997), Dayrell & Carrano (2014) contribuem significativamente com este trabalho, pois a partir desses autores conseguimos fazer uma análise mais profunda dessa categoria de juventude, não somente como passagem mas, também, como condição social, assumindo assim, a importância em si mesma como um momento de busca de inserção social. Logo, o indivíduo vai descobrindo dentro da sua trajetória, questões relacionadas ao afeto e a vida profissional.

As distintas condições sociais (origem de classe e cor da pele, por exemplo), a diversidade cultural (as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc.), a diversidade de gênero (a heterossexualidade, a homossexualidade, a transexualidade, por exemplo) e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição dos diferentes modos de vivenciar a juventude. (Dayrell & Carrano, 2014, p.112)

A partir dos elementos de categorização da juventude, alguns autores acreditam que juventude é uma categoria dinâmica e transformada no contexto ao longo da história, apontando para a reflexão de que um termo mais abrangente pra explicar essa categoria, seria a partir da noção de *juventudes*, uma vez que os jovens enquanto sujeitos que vivenciam/experimentam essa fase da vida, estão condicionados a um contexto sociocultural, que vai determinar os modos de ser jovem.

De acordo com a Secretaria Nacional de Políticas de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude, no Brasil, desde 2005, o corte etário para o que se considera juventude foi ampliado para entre 15 e 29 anos, devido a fatores como o aumento do tempo de formação acadêmica e profissional, à permanência na casa dos familiares, além da questão do emprego, que tem se tornado cada dia mais difícil para esses sujeitos. No entanto, não só fatores como recorte etário são suficientes para delimitar a juventude, como já vimos, outros fatores de ordem social, histórica, cultural precisam ser reforçados para que essa análise seja ampliada. Ser jovem hoje, é diferente, por exemplo, do jovem do final século passado.

É de extrema importância analisar as dimensões da condição juvenil do jovem brasileiro que atravessam a noção da relação com o trabalho, violência, sociabilidade, consumo, uma vez que segundo o IBGE, grande parte da população juvenil se encontrava nas camadas mais empobrecidas da população, interferindo diretamente na trajetória desses jovens<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> “Seis em cada 10 crianças e adolescentes brasileiros vivem em situação de pobreza no Brasil, totalizando 32 milhões de jovens (ou 61% dos 53 milhões que formam a população brasileira com menos de 18 anos). É o que revela o estudo "Pobreza na infância e na adolescência", apresentado nesta terça-feira (14) pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância)”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/08/14/60-das-criancas-e-adolescentes-sao-pobres-no-brasil-diz-unicef.htm>. Acesso em 11/09/2019.

Na seção seguinte, exploraremos, a partir dessa condição juvenil, os modos de ser jovem dialogando com as categorias que fazem os jovens criarem suas identidades, contribuindo assim para o entendimento do universo da juventude.

## **2.2 Modos de ser jovem**

No Brasil, segundo o Censo Demográfico de 2010, havia mais de 51 milhões de jovens, o que corresponde a  $\frac{1}{4}$  da população. A juventude constitui uma condição que não é somente marcada por uma transição para a vida adulta, mas também assume papel fundamental como um período de inserção social. Período esse, marcado por dimensões como origem de classe e cor de pele, identidades culturais e religiosas, diferentes valores familiares, diversidade de gênero, diferenças territoriais, entre outras dimensões que constituem os diferentes modos de vivenciá-la.

Sendo assim, a juventude é uma categoria dinâmica, pois são os jovens, os indivíduos que a experimentam e a sentem, segundo determinado contexto sociocultural. Logo, pensar nos modos de ser jovem nos faz refletir sobre a construção de identidades que é tão importante nessa etapa da vida.

Além disso, ser jovem no Brasil perpassa um imaginário social que destaca algumas contradições em torno da valorização de ideais estéticos associados à juventude. Nesse imaginário, é difícil conceber o jovem como um sujeito com identidade própria, tornando muitas vezes difusa essa ideia, pois ao mesmo tempo que são clamados como o “futuro” do país/nação, são responsabilizados por agir e pensar de modo irresponsável. Também são vistos como potenciais atores para contestar, reverter e reivindicar melhorias para a ordem social estabelecida, se comparados aos mais velhos (adultos) que são mais conservadores e rígidos nesse aspecto, ao passo que também são associados à criminalidade, à marginalidade e à delinquência.

Dayrell (2003) compreende os jovens como sujeitos sociais, construindo assim o modo de ser jovem, percebendo o jovem como um ser na sua totalidade, corroborando para a construção de uma identidade. No entanto, contrapõe o imaginário da juventude como uma etapa do “vir a ser”, de uma passagem entre a infância e a vida adulta, que negligencia a sua existência e o seu presente. O autor ainda aponta para a visão romantizada da juventude a partir dos anos 1960, marcada por fatores da indústria cultural e de um mercado de consumo dirigido a esse público como as modas, adornos, locais de lazer, músicas, revistas etc.

Pensar a moda para uma geração de jovens, é refletir sobre a questão do pertencimento a grupos, algo tão marcado por essa etapa da vida. Segundo Luiz Carlos Gil Esteves e Miriam Abramovay (2007, p.36):

Nas sociedades de consumo, a moda – por intermédio de um de seus maiores aliados: a publicidade – é hábil em ressaltar o lado positivo dos valores associados à juventude. Dessa maneira, apresenta-a, predominantemente, como uma categoria traduzida pelo prazer, pela estética, pela audácia, pela liberdade, pela capacidade de criação etc., quase nunca enunciando os aspectos negativos relacionados ao ser jovem, muitos dos quais decorrentes da própria forma como a sociedade os trata, tais como os pesares, as incertezas, a solidão, o desencontro, as limitações etc.

Ao orientarem seu consumo em função da moda, muitos jovens buscam pertencimento, reconhecimento e legitimidade, uma vez que, desta forma fazem parte de certos grupos, adequando o vestir, o falar, o expressar-se, as preferências musicais, a linguagem corporal, afirmando sua identidade social às exigências do meio que têm vontade de pertencer.

Em relação à construção de identidades por esses sujeitos, a condição juvenil interfere no modo de ser jovem, sobretudo, por conta das experimentações dessa fase da vida, cujo jovem se torna capaz de refletir e de se ver como indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências. No Brasil, a condição juvenil também é marcada por grandes distâncias sociais, o que vai fazer com que cada sujeito experimente a juventude de forma diferenciada, ratificando a noção de “juventudes” na pluralidade de suas ações e seus dilemas.

As desigualdades são atravessadas por questões de raça, gênero, orientação sexual e condição econômica, por exemplo, chegando até as desigualdades de oportunidades de acesso aos bens e serviços comuns (serviços e equipamentos públicos, cultura, comunicação, tecnologia), circulação e apropriação dos espaços da cidade, exposição à violência e situações de vulnerabilidade, o que prejudica o desenvolvimento integral desses jovens.

Convém lembrar que fatores como família, escola e trabalho são esferas importantes de socialização desse indivíduo que caminha para a fase adulta. Os laços com a família nessa etapa tendem a se tornar mais difusos e o jovens muitas vezes experimentam o espaço da escola como um outro lugar de inserção e experimentação. Sposito (1993) aponta que a escola é umas das agências privilegiadas nesta fase de socialização já que ela estaria encarregada de transmitir os valores sociais mais amplos e de preparar para a divisão social do trabalho.

O trabalho, para a população jovem brasileira, também é outro importante aspecto para o pensar o sujeito que se encontra na juventude, ainda mais para os mais empobrecidos, pois os baixos níveis de escolaridade, trabalho precário e desemprego são realidades cotidianas. Isso implica diretamente na perspectiva de vida do jovem, ainda mais diante de um cenário de violência nas áreas metropolitanas, sobretudo os homicídios.

Dayrell (2007. P.1109) no seu artigo *A escola “faz” as juventudes?*, compara os jovens do Brasil e a moratória do trabalho em relação aos países europeus

No Brasil, a juventude não pode ser caracterizada pela moratória em relação ao trabalho, como é comum nos países europeus. Ao contrário, para grande parcela de jovens, a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de recursos para o lazer, o namoro ou o consumo. (p.1109)

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT)<sup>8</sup> em 2017, quase 70,9 milhões de jovens estavam desempregados no mundo, o que equivale a uma taxa de desemprego juvenil global de 13,1%. Ainda segundo a OIT, esses dados revelam que os jovens têm três vezes mais chances de estarem desempregados do que adultos, mesmo quando jovens conseguem encontrar trabalho, a qualidade do emprego permanece sendo uma questão e Três de cada quatro jovens no mundo trabalham em empregos informais. Esses dados comprovam que o trabalho para a parcela jovem da população é uma questão de desafio para as políticas públicas voltadas para os sujeitos que se encontram nessa etapa da vida.

Na próxima seção, abordaremos o tema das culturas juvenis, discutindo como esses jovens tão diversos têm formas de se expressar nas diferentes áreas, construindo a experiência juvenil, comandando suas próprias ações, pertencendo a grupos, observando as relações entre eles.

### **2.3 Culturas Juvenis**

Formas de expressões presentes na música, na dança, no vídeo, no corpo e no visual que expressam formas de amar, sofrer, se divertir e desejar configuram algo que unem os jovens marcando esta etapa da vida e seu pertencimento a ela. Essas formas de expressão fazem com que eles se agreguem para “trocar ideias”, conversar, fazer um som, dançar, interagir. Nesse contexto, abrem-se espaços para ser jovem e para construir esta experiência juvenil, que pode futuramente se desdobrar em vários outros interesses e carreiras, sendo assim, os jovens são os sujeitos que comandam suas ações.

Esse privilegiado ambiente cultural é que vai de alguma forma fazer com que esses sujeitos criem identidades a partir de práticas, representações, símbolos, rituais, pois nesses espaços eles se encontram longe de sua família, professores ou patrões, mesmo os tendo como referências, constituindo assim as culturas juvenis. Além disso, outra dinâmica importante para o surgimento desses novos autores é a cultura Do It Yourself (D.I.Y.) – ou faça você mesmo.

---

<sup>8</sup> Disponível em <<https://www.ilo.org/brasil/temas/emprego/lang--pt/index.htm>> Acesso em 08/09/2019.

O D.I.Y. é um processo criador de culturas jovens que parte do princípio de que eles também podem fazer, criar, conquistar seu espaço, sua autonomia. Tais efervescências contraculturais da juventude podem ser vistas no decorrer do século XX, em movimentos culturais como os beats, os hippies, os punks, e agora, no caso do Brasil, manifesta-se mais explicitamente na cultura Hip Hop (BUTLER E PRINCESWAL, 2012).

Marcas como tatuagens, piercings, pulseiras, bonés, colares, roupas estilizadas, calças largas ou justas, cabelos coloridos, cortes moicanos<sup>9</sup>. Em se tratando da tecnologia, os MP3's, celulares, fones de ouvido, tablets, note e netbooks, dentre outros aparelhos eletrônicos, expressam a vida juvenil. A música é outra categoria de grande importância para esse grupo de sujeitos juvenis. Marília Sposito (2000 p.79) reflete sobre a centralidade da cultura na construção das identidades juvenis que possibilita “práticas coletivas e de interesses comuns, sobretudo em torno dos diferentes estilos musicais”.

Mas o que estamos chamando de culturas juvenis? Existe uma grande discussão em torno do conceito de cultura juvenil que não cabe aqui nos aprofundamos, por exemplo, alguns autores vão falar sobre tribos juvenis, porém neste trabalho vamos utilizar o conceito de culturas juvenis, tendo em vista que nos referimos à práticas e espaços que possibilitam a demarcação de identidades entre os jovens, diferenciando-os, enquanto jovens, das crianças e dos adultos e, ainda, expressando adesão a um determinado estilo. Para Pais (1990, p.140) “as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar”.

Somado a isso, categorias como a sociabilidade, o tempo e o espaço são de extrema importância para pensarmos nos sujeitos envolvidos nesses grupos culturais. Quando falamos em sociabilidade estamos nos referindo à dinâmica das relações, ou seja, os amigos mais próximos e os mais distantes, as turmas e as galeras. O tempo e espaço também provocam a sociabilidade, por exemplo, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer, no andar pelo bairro ou pela cidade. Dayrell (2007, p.1111) aponta “Enfim, podemos afirmar que a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade.”

---

<sup>9</sup> Em 2019, o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, vetou uma propaganda do Banco do Brasil, marcada por um tom jovial, diversidade de raça e estilo dos atores e atrizes convidados, com a justificativa de respeito à população brasileira, ainda mais se tratando de uma empresa estatal. Disponível em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-diz-que-veto-a-propaganda-do-banco-do-brasil-foi-respeito-com-a-populacao-veja-video/>> Acesso em 14/09/2019.

É importante lembrar que nessas vivências, os conflitos e a violência também se fazem presentes entre os grupos de amigos, sobretudo os masculinos. Uma vez que permeia a sociedade brasileira uma violência geral. O antropólogo Gilberto Velho (2000, p.59) apresenta que

Certamente a maioria das pessoas não é violenta ou corrupta. No entanto, o clima geral de impunidade incentiva a utilização de recursos e estratégias criminosas. A mídia, fundamental numa sociedade democrática, denuncia e divulga o estado de coisas, tornando pública, pelo menos, parte da atividade criminosa. Mas, em poucos casos, existe a percepção de que a denúncia tem consequências, aumentando a sensação de injustiça e impunidade que é, talvez, a principal causa de violência.

No site do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) disponibilizou recentemente um infográfico representando o atlas da Violência no Brasil com dados de 2017, em que os jovens fazem parte das estatísticas. Segundo estes institutos, em 2017, 35.783 jovens foram assassinados no Brasil. Esse número representa uma taxa de 69,9 homicídios para cada 100 mil jovens no país, taxa recorde nos últimos dez anos. Homicídios foram a causa de 51,8% dos óbitos de jovens de 15 a 19 anos; de 49,4% para pessoas de 20 a 24; e de 38,6% das mortes de jovens de 25 a 29 anos; tal quadro faz dos homicídios a principal causa de mortes entre os jovens brasileiros em 2017.

Figura 1



Fonte: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30253](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253).

Acesso em 11/09/2019.

Além disso, a criminalidade violenta vem sendo fortemente relacionada ao sexo masculino e ao grupo etário dos jovens de 15 a 29 anos. Observando especificamente o grupo dos homens jovens, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes chega a 130,4 em 2017. Dos 35.783 jovens assassinados em 2017, 94,4% (33.772) eram do sexo masculino. (Ipea, 2019). Esses dados nos mostram o quanto ainda é necessário o foco em políticas públicas para a redução desses números, uma vez que a redução da violência letal entre jovens é um importante quesito para a redução dos homicídios no Brasil.

Pelos vários aspectos apresentados acima, é fundamental o refinamento do olhar para a população juvenil no Brasil, por meio de investimentos na juventude, com políticas focalizadas nos territórios mais vulneráveis socioeconomicamente, garantindo assim melhores condições de desenvolvimento infanto-juvenil, através do acesso à educação, cultura e esportes, além de mecanismos para facilitar o ingresso do jovem no mercado de trabalho, reduzindo assim as estatísticas presentes nos dias atuais em relação ao público jovem que tem grande potência nas relações sociais.

No próximo capítulo, aprofundaremos os principais desafios do Ensino Médio para atender a demanda da juventude que frequenta, principalmente, o ensino médio público no Brasil. Trata-se de uma geração de jovens que partilham de um momento que os une, mas que carregam consigo muitas singularidades para a escola.

### **3. ENSINO MÉDIO NO BRASIL HOJE**

Este capítulo está organizado em duas partes. Primeiramente apresentamos, de forma sucinta, o panorama histórico do ensino médio brasileiro do início do século XX até os dias atuais. Em seguida, focamos nos desafios encontrados nesse nível de ensino.

#### **3.1 Breve panorama histórico do Ensino Médio**

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (LDB-Lei nº 9394/96)

Este item se inicia com o Art.35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, mostrando a finalidade do Ensino Médio, como última etapa da educação básica. É importante lembrar que o Ensino Médio se tornou obrigatório; recentemente, a partir da Emenda Constitucional n. 59, em 2009, incorporada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Tal obrigatoriedade também está expressa nas metas 1, 2 e 3 do Plano Nacional de Educação (PNE) Lei nº 13.005, sancionado em 2014. A EC 59 previa que até 2016 estados e municípios deveriam garantir a universalização da Educação Infantil e do Ensino Médio, etapas correspondentes às faixas de 4 e 5 anos, e 15 a 17 anos. Sabemos, entretanto, que passados 10 anos da promulgação daquela emenda constitucional, tal universalização no que diz respeito ao Ensino Médio, não ocorreu<sup>10</sup>.

No período entre 1995 e 2010, o ensino médio público brasileiro passou por um processo de expansão, devido às aspirações das camadas populares por mais escolarização, mas também à necessidade de tornar o país mais competitivo no cenário econômico internacional. Nesse mesmo período, foram apresentadas novas propostas para o ensino médio brasileiro a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 a fim de definir a identidade e a função dessa etapa de escolarização. --- Busco em Sposito (2005) algumas considerações sobre a mudança no alunado a partir da década de 1990, em que a escola passa então a receber um contingente cada vez mais heterogêneo de alunos, marcados pelo contexto de uma sociedade desigual.

Vale ressaltar que o Ensino Médio no Brasil, já na década de 1930, com a Reforma de Francisco Campos, caminhava entre a dualidade de uma formação propedêutica e de uma formação técnica, uma vez que esta etapa passa a ser dividida em dois modelos: o ensino secundário e o ensino profissionalizante. O ensino secundário - com caráter propedêutico - voltado para as elites da época e para a preparação do ingresso no ensino superior e o ensino profissionalizante – com caráter mais técnico – voltado para a mão de obra e para o trabalho nas indústrias. Segundo Ruth Maria Moraes Oliveira Prado (2018, p.23)

O ensino secundário no país era organizado, até então, sem considerar outro público que não fosse a elite. Isso se justifica devido à matriz agrária da economia do país naquele momento. Dessa forma, a sociedade da época não via necessidade de estender o processo de escolarização às camadas desfavorecidas, pois se considerava que a natureza do trabalho desenvolvido por estes não demandava a instrução disponibilizada às elites.

---

<sup>10</sup> 68,7% dos jovens de 15 a 17 anos cursavam o Ensino Médio em 2018. Fonte: <http://www.observatoriodopne.org.br/indicadores/metas/3-ensino-medio/indicadores> Acesso em 11/09/2019.

Nas últimas duas décadas, foram implementadas novas políticas e reformas voltadas para a educação básica. Um divisor de águas para pensá-las; se faz presente a partir do ano de 2003, em que o presidente Luís Inácio Lula da Silva toma posse. Frigotto (2011, p.240) destaca algumas orientações de políticas públicas que passam a ser adotadas pelo então novo governo:

retomada, ainda que de forma problemática, da agenda do desenvolvimento; alteração substantiva da política externa e da postura perante as privatizações; recuperação, mesmo que relativa, do Estado na sua face social; diminuição do desemprego aberto, mesmo que tanto os dados quanto o conceito de emprego possam ser questionados; aumento real do salário mínimo (ainda que permaneça mínimo); relação distinta com os movimentos sociais, não mais demonizados nem tomados como casos de polícia; ampliação intensa de políticas e programas direcionados à grande massa não organizada que vivia abaixo da linha da pobreza ou num nível elementar de sobrevivência e consumo.

No que se refere à esfera educacional, o Governo Lula reformulou políticas para a educação de jovens e adultos, além das minorias étnicas e movimentos sociais. O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) foi implementado, alcançando além da Educação Infantil, o Ensino Médio. Ainda durante o seu governo, foram criadas 14 novas Universidades Federais e mais de duas centenas de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia instituídos pela Lei 11.892/2008. O Programa Universidade para Todos (PROUNI) estabeleceu mais de 700 mil vagas nas universidades privadas a jovens das classes populares e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), ampliou significativamente as vagas no Ensino Superior Público. (WALDOW, 2014)

Em 2011, Dilma Rousseff, primeira mulher a assumir a presidência do Brasil, dá início ao seu governo continuando políticas do governo Lula em relação à educação básica criando o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), estabelecido pela Lei 12.513/2011, que teve como finalidade a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira. Destaco os objetivos do Pronatec de acordo com a página do portal do MEC<sup>11</sup>:

a expansão das redes federal e estaduais de EPT;  
a ampliação da oferta de cursos a distância;  
a ampliação do acesso gratuito a cursos de EPT em instituições públicas e privadas;  
a ampliação das oportunidades de capacitação para trabalhadores de forma articulada com as políticas de geração de trabalho, emprego e renda e;  
a difusão de recursos pedagógicos para a EPT. (2019)

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pronatec>>. Acesso em 24/07/2

Dilma se mantém na presidência até o ano de 2016, em que sofre um *impeachment*, considerado por muitos estudiosos como um golpe. Segundo Dermeval Saviani (2018, p. 29);

A caracterização da destituição de Dilma Rousseff, presidenta reeleita, como um golpe decorre do fato de que não foi cumprida a exigência constitucional da existência de crime de responsabilidade, único motivo legal que justifica o *impeachment*. Obviamente, os autores desse ato sempre negaram a existência do golpe argumentando que seguiram todo o ritual previsto, inclusive com a chancela do Supremo Tribunal Federal que presidiu a sessão do Senado que consumou o *impeachment*, conforme previsto na Constituição.

Não iremos aqui aprofundar a discussão se foi golpe ou não. A consequência, porém, deste fato, é que Michel Temer assume a presidência em 2016. O novo presidente organiza modelos diferentes de gestão se comparados aos governos Lula e Dilma, sobretudo no que se refere à educação básica, principalmente, à modalidade do ensino médio. Com a Proposta de Emenda Constitucional apelidada de “PEC do fim do mundo”, o presidente assina o congelamento dos gastos públicos por 20 anos, provocando, na prática, a inviabilização das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) pelo menos até 2036, caso não sejam aportados novos recursos.

O governo Temer também foi responsável por levar adiante a Reforma do Ensino Médio baixada pela Medida Provisória n.746, de 22 de setembro de 2017 e, posteriormente transformada na Lei nº 13415/2017. Logo que foi promulgada, a medida provisória foi alvo de um descontentamento proveniente do Fórum Nacional de Educação, dos Conselhos e Secretarias estaduais de educação, assim como de diversas entidades representativas dos profissionais da educação, inclusive, alunos de algumas universidades e escolas públicas por todo país, participaram e resistiram à medida/reforma, ocupando suas instituições, tema da presente pesquisa. . Concordando com Saviani (2018, p.39-40)

Esse autoritarismo fica evidente na reforma do ensino médio, baixada por medida provisória sem sequer dar conhecimento prévio às Secretarias de Educação e aos Conselhos Estaduais de Educação que, pela Constituição e pela LDB, são os responsáveis pela oferta pública desse nível de ensino. Como responsáveis pelo Ensino Médio os estados e o Distrito Federal deveriam ser consultados sobre a proposta de reforma desse nível de ensino. No entanto, nem mesmo foram informados, sendo surpreendidos com a entrada em vigor da referida reforma uma vez que, sendo baixada por medida provisória, passa a valer imediatamente após sua promulgação.

Nesse contexto, também ganha destaque o projeto de lei n. 193/2016 denominado de “Escola sem partido” (ESP), de autoria do senador pelo estado do Espírito Santo, Magno Pereira Malta, do Partido da República, que explicita uma série de restrições ao ofício docente, negando o princípio da autonomia didática consagrado nas normas de funcionamento do ensino. No website<sup>12</sup> do Projeto Escola Sem Partido, na sua página inicial, aparecem as normas nas quais, segundo a proposta, os professores devem se basear para o exercício da profissão. Além disso, no mesmo site é possível encontrar um pequeno texto intitulado de: “*Por uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar*” que se inicia da seguinte maneira:

A doutrinação política e ideológica em sala de aula ofende a liberdade de consciência do estudante; afronta o princípio da neutralidade política e ideológica do Estado; e ameaça o próprio regime democrático, na medida em que instrumentaliza o sistema de ensino com o objetivo de desequilibrar o jogo político em favor de um dos competidores.

Outro fator de grande preocupação do ESP é banir da escola a abordagem de questões de gênero e sexualidade. Segundo Maria Virginia de Freitas (2016) Ao fazer isso, o ESP caminha no sentido contrário do Estatuto da Juventude, que reconhece aos jovens o direito à diversidade e à igualdade, e atribui ao poder público a responsabilidade de inclusão de informações sobre discriminações e direitos na sociedade brasileira e de temas relacionados à sexualidade, respeitando a diversidade de valores e crenças nos conteúdos curriculares. (p. 106)

Portanto, contrariamente ao proclamado, são exatamente os adeptos da “Escola sem partido” que tendem a doutrinar incutindo nos alunos normas transcendentais, supostamente universais e ocultando as contradições e conflitos que constituem a realidade da sociedade de classes. (SAVIANI, 2018)

Em 2018 o MEC torna pública a primeira versão da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) do Ensino Médio, sendo o currículo do ensino médio composto pela BNCC e por itinerários formativos<sup>13</sup>. O currículo é organizado por competências, em que apenas Língua Portuguesa e Matemática têm detalhamento, as demais disciplinas estão divididas em áreas descritas em termos de competências que o EM deve desenvolver nos estudantes. Consideramos que essas reformas e políticas desenvolvidas pelo governo Temer não somente corrompem o papel da escola, limitando a capacidade crítica do sujeito, mas conduzem ao imobilismo e a não participação dos indivíduos em movimentos políticos, sociais e culturais.

---

<sup>12</sup> Disponível em <<https://www.programaescolasempartido.org/projeto>> Acesso em 23/08/2019

<sup>13</sup> Os itinerários formativos são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio.

No contexto atual, em 2019, temos como presidente da república, eleito em 2018, Jair Messias Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL). A deputada Bia Kicis (PSL-DF), do mesmo partido, traz uma nova versão ainda mais rigorosa do projeto Escola Sem Partido. De acordo com site do jornal o globo<sup>14</sup> o texto protocolado coloca como direito dos alunos gravar as aulas, cria um canal para denúncias anônimas sobre o descumprimento da lei que deverão ser apuradas pelo Ministério Público e proíbe grêmios estudantis de fazerem "atividade político-partidária".

Na próxima seção, buscamos refletir um pouco sobre os desafios do Ensino Médio Brasileiro, sobretudo o ensino médio público brasileiro, que com sua expansão traz novos sujeitos para a escola brasileira, sujeito esses que carregam as diversidades/ desigualdades vividas para a escola.

### **3.2 Desafios do Ensino Médio Brasileiro**

Mesmo com sua expansão, o ensino médio não se caracteriza pela sua universalização. Podemos observar que, no momento de redação deste trabalho, em meados de 2019, o ensino médio ainda não havia se universalizado, como demonstram os dados mais recentes da PNAD/IBGE apontando que, a taxa de escolarização das pessoas de 15 a 17 anos, ou seja, em idade regular, era de 88,2% em 2018 (PNAD/IBGE,2018). Em termos regionais, houve melhora no indicador da Região Sul era de 88,2% em 2018. Nas demais regiões, o indicador se manteve estatisticamente estável. Pelo PNE, a Meta 3 definia a universalização, até 2016, do atendimento escolar para a população de 15 a 17 anos. Em 2018, todavia, essa parte da meta não havia sido alcançada em nenhuma Grande Região brasileira.

Krawczyk (2011, p.775) aponta ainda que “a expansão do ensino médio, iniciada nos primeiros anos da década de 1990, não pode ser caracterizada ainda como um processo de universalização nem de democratização, devido às altas porcentagens de jovens que permanecem fora da escola, à tendência ao declínio do número de matrículas desde 2004 e à persistência de altos índices de evasão e reprovação.”

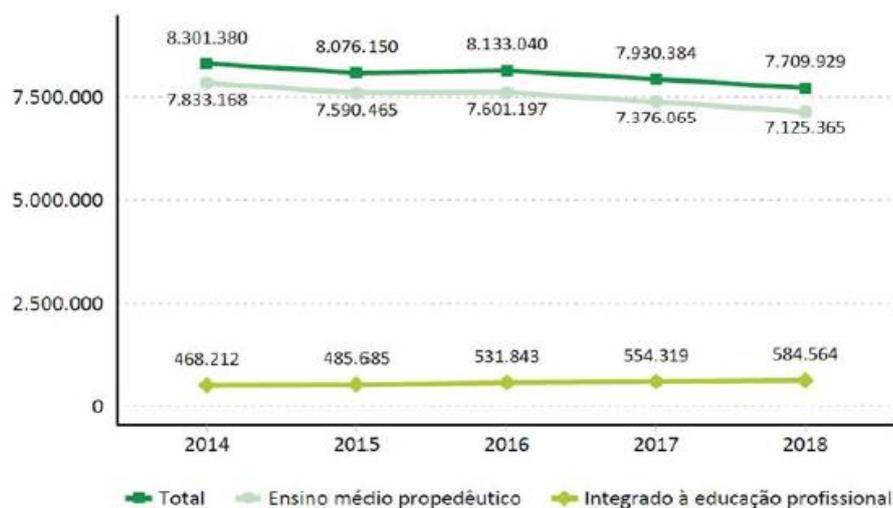
Com a expansão do ensino médio, outros perfis de jovens chegaram às escolas, trazendo para o espaço escolar a diversidade cultural, social e econômica, que marcam esses novos sujeitos. Segundo Ana Paula Corti (2009) muitos jovens passaram a ser os primeiros em suas famílias a terem acesso ao Ensino Médio – jovens mais escolarizados que seus pais, mães e familiares – divididos entre a promessa positiva de ascensão social anunciada pela escola, e o confronto dramático com uma situação de desemprego estrutural sem precedentes. (p.13)

---

<sup>14</sup> Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/versao-mais-rigorosa-do-escola-sem-partido-apresentada-na-camara-23430892>> Acesso em: 24/08/19

É fundamental pensarmos a importância e os desafios do ensino médio, pois este nível de ensino vem sofrendo com uma precarização em relação à qualidade do ensino. Observamos o número de matrículas em relação ao ensino médio desde 2014 até 2018, a partir do gráfico divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) enfatizando a tendência de queda dos números e da não universalização e democratização dessa etapa.

Gráfico 1 – Número de Matrículas no ensino Médio (total integrado à educação profissional) – Brasil 2014 a 2018.



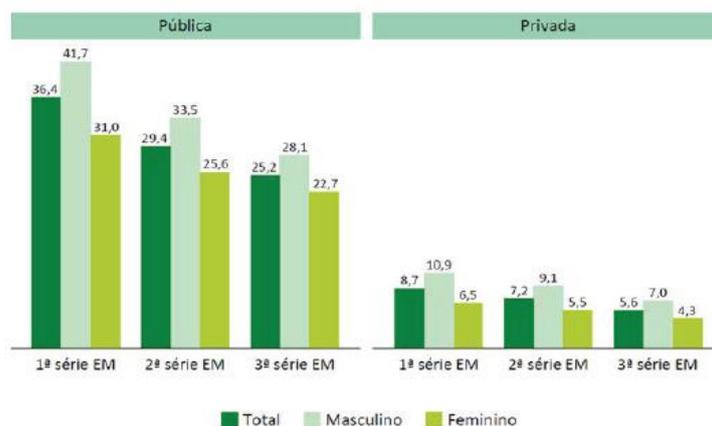
Fonte: Dados estatísticos do Censo Escolar 2018 (Inep)

Com essa tendência, torna-se necessário analisar os desafios colocados ao ensino médio no Brasil, tendo o Estado responsabilidade de cumprir seu dever de assegurar o acesso a essa etapa obrigatória da educação, sobretudo aos jovens mais vulneráveis. O PNE foi pensado com o intuito de melhorar os índices da educação. Contudo, em 2018, a taxa de distorção idade-série<sup>15</sup> do ensino médio era de 28,2%, permanecendo em patamar elevado, tendo em vista que em 2017 o percentual foi também de 28,2%. No ensino médio, as taxas de distorção são mais elevadas na rede pública do que na privada. Nas redes pública e privada, considerando as três primeiras séries do ensino médio, as maiores distorções são observadas para a 1ª série, com taxas de 36,4% e 8,7%, respectivamente. (PNAD/IBGE, 2018) Esses dados revelam sérios problemas de distorção idade/série, tendo em vista que o Plano Nacional de Educação, busca em sua Meta 3 ampliar o acesso ao Ensino Médio ao instituir que 85% dos jovens de 15 a 17

<sup>15</sup> Segundo o QEdU A distorção idade-série é a proporção de alunos com mais de 2 anos de atraso escolar. Por exemplo, no Brasil, a criança deve ingressar no 1º ano do ensino fundamental aos 6 anos de idade, permanecendo no Ensino Fundamental até o 9º ano, com a expectativa de que conclua os estudos nesta modalidade até os 14 anos de idade.

anos devem estar matriculados nessa etapa escolar até 2024. Podemos observar no gráfico as taxas dessa distorção.

Gráfico 2- Taxa de distorção idade-série do ensino médio por rede de ensino e sexo – Brasil – 2018.



Fonte: Dados estatísticos do Censo Escolar 2018 (Inep)

Krawczyk (2014, p.77) aprofunda os desafios do ensino médio estabelecendo relações com outros países para mostrar que não é um problema exclusivamente do Brasil

É interessante observar que este não é um problema exclusivamente do Brasil, nem só daqueles países onde a universalização do Ensino Médio é recente ou não foi concluída. Tampouco é exclusividade daqueles países cujo Ensino Médio está organizado de maneira similar ao do Brasil. Chama atenção o fato de que países muito distintos, tanto na Europa quanto nas Américas, compartilham problemas e desafios muito semelhantes quando se trata deste nível de ensino.

Dentre os diversos desafios que atravessam o ensino médio, ganham destaque os referentes ao conteúdo a ser ensinado, à formação e remuneração dos professores, às condições de infraestrutura e gestão escolar e os investimentos públicos destinados à educação básica. É perceptível que o jovem que chega ao ensino médio público brasileiro carrega para o interior das instituições escolares as desigualdades produzidas pela sociedade. Gaudêncio Frigotto (2009, p.28) aponta algumas desigualdades enfrentadas por esses sujeitos

Problemas como o da violência, da gravidez precoce, da desnutrição, da revolta por não poder consumir minimamente o que a mídia lhe oferece todo dia como imperativo de sentirem-se aceitos não são produzidos na escola. Tampouco é produzido pela escola o cansaço dos jovens que trabalham e estudam, que precisam

sair uma hora para pegar o último ônibus, ou para entrar na “comunidade” onde sobrevivem.

Não farei uma análise detalhada de cada desafio, mas trago algumas informações importantes para pensarmos o ensino médio.

Fazendo referência às reformas do Ensino Médio Krawczyk (2014, p.79)

aponta que a implementação de várias reformas resultou em um movimento de avanço e retrocesso em direção a um modelo mais democrático de Ensino Médio. Algumas dessas reformas procuraram integrar os diferentes cursos e acabar com o caráter de terminalidade dos estudos profissionalizantes. Outras pretendiam restringir a mobilidade educacional e reforçar a segmentação do sistema. Como é possível observar, as reformas do Ensino Médio estiveram sempre tentando resolver a tensão entre universalização e seleção.

A crescente procura pelo ensino médio nas últimas décadas, muito por conta da ampliação ao acesso ao ensino fundamental nos anos de 1980 e 1990, proporcionou um aumento de indivíduos preocupados com a continuidade dos estudos. Nas últimas décadas, também surgiu no debate a percepção de uma falta de consenso sobre qual seria o objetivo/identidade dessa última etapa da educação básica, ou seja, o ensino médio é uma etapa para a transição para o ensino superior ou o seu objetivo é a preparação para o mundo do trabalho?

Pensando na questão da obrigatoriedade dessa modalidade de ensino, muitos sujeitos que estão inseridos no ensino médio, como já falado, carregam várias questões para o interior das instituições, uma vez que vivemos em um país com muitas desigualdades, principalmente, quando se volta o olhar para o jovem do ensino médio público brasileiro. Uma questão crescente que se torna mais um desafio para essa etapa, sendo até uma das pautas do movimento de ocupação das instituições escolares em 2016, é a formulação do currículo para esses sujeitos que chegam até a última etapa da educação básica, conseguindo sobreviver a todas as adversidades da vida e do próprio sistema educacional, com tantas singularidades e especificidades. Segundo Miguel Arroyo (2014, p.160)

As escolas e os currículos não são apenas lugares que armazenam conhecimentos produzidos em cada área, são lugares onde trabalham e chegam sujeitos sociais também produtores de conhecimentos, lugares de encontro de experiências sociais, de indagações, de leituras de mundo e de si no mundo que exigem ser reconhecidas e sistematizadas.

Neste sentido, o currículo é sempre um campo de investigação para os acadêmicos da área de Educação, pois o conhecimento é algo dinâmico e o currículo não pode ser pensado como uma caixa de saberes estáticos, mas sim, um território de disputa de saberes, pois há uma pluralidade de sujeitos envolvidos no processo educacional. Arroyo (2014, p.160) complementa a ideia de repensarmos os currículos, tirando a escola desse lugar de reprodutora de conhecimento, reconhecendo assim as diversidades presente nas instituições

A ideia articuladora que nos acompanha na proposta de construir outros currículos é reconhecer que toda experiência social produz conhecimentos, que a diversidade de docentes e de jovens-adultos que chegam ao Ensino Médio carrega uma rica diversidade de experiências sociais, de indagações intelectuais, culturais, morais, de conhecimentos. Leva-nos também a reconhecer que em suas presenças na sociedade, na cultura, nas artes e nas escolas, docentes e jovens-adultos exigem ser reconhecidos sujeitos de produção de cultura, de identidades, de conhecimentos, de valores, de modos de pensar. (p.160)

Um dos desafios importantes inerentes à educação que contribuíram para alimentar as preocupações e manifestações em 2016, foi a questão dos investimentos públicos para a educação, saúde e segurança no país. A chamada “PEC do fim do mundo”, que congela os gastos públicos em educação por 20 anos, assinada por Michel Temer em 2016, na época presidente do Brasil, já nos mostrava uma tendência a um retrocesso no que se refere as próprias metas e estratégias elaboradas pelo Plano Nacional de Educação (PNE), uma vez que para reduzir os números de abandono/ evasão escolar e melhorar a qualidade na educação, recursos financeiros são fontes primárias para o andamento de uma educação pública, gratuita e de qualidade, garantida pela Constituição de 1988.

O próximo capítulo vai adentrar no universo do movimento de ocupação ocorrido em vários estados em todo país, dialogando com as questões de participação, engajamentos, redes e mobilização, tentando observar como os estudantes foram sujeitos ativos das ocupações, em prol da melhoria da educação a eles destinada, repleta de desafios como os supracitados nessa seção. A partir de agora, começaremos a apurar nosso olhar para os jovens como sujeito do movimento liderado e feitos por eles.

#### **4. OCUPAÇÕES: QUE MOVIMENTO FOI ESSE?**

Este capítulo está organizado em duas partes. Iniciamos com um panorama geral do que foi o movimento OCUPA ESCOLA, apresentando questões como a participação e o engajamento dos jovens nesse contexto. Em seguida, mostramos conceitos como o de redes e

mobilizações que são fundamentais para os movimentos sociais contemporâneos analisando como a juventude se apropriou dos mesmos para ocuparem a escola. Esses temas são de extrema importância para entendermos e aprofundarmos como o movimento se deu no Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, o pioneiro, no Rio de Janeiro, a ser ocupado.

#### 4.1 Um panorama do movimento OCUPA ESCOLA: Participação da Juventude.

“Ninguém tira o trono do estudar  
Ninguém é o dono do que a vida dá  
E nem me colocando numa jaula  
Porque sala de aula essa jaula vai virar  
E nem me colocando numa jaula  
Porque sala de aula essa jaula vai virar”  
(Dani Black)<sup>16</sup>

Quando me propus a investigar o fenômeno das ocupações, uma das primeiras provocações foi exatamente o termo escolhido pelos estudantes para nomear o movimento: OCUPAÇÕES. Sendo assim, recorrendo ao dicionário, encontrei alguns sentidos que me fazem refletir sobre esse movimento e a relação do jovem com a instituição escolar.

A palavra ocupação no dicionário aparece com significados diferentes: ato de apoderar-se de algo ou de invadir uma propriedade; posse, ato de trabalhar em algo; o próprio trabalho a ser executado ou que se executou; serviço. Atividade, serviço ou trabalho principal da vida de uma pessoa. Obrigação a cumprir, papel a desempenhar em determinados setores profissionais ou não; cargo, função, ofício. Ato de colocar(-se) em um cargo, emprego, função etc., que estava livre; preenchimento. Modo de aquisição da propriedade de coisa móvel sem dono ou abandonada; apropriação. Além disso, no que se refere à etimologia da palavra, encontro sua origem no latim *occupatio, ōnis*, que indica efeito, fato ou ação.

Nesse trajeto, as indagações aparecem no sentido de pensar: por que dos jovens decidirem ocupar suas escolas públicas? A escola não seria um espaço que a princípio seria próximo a eles e, portanto, não faria sentido ser “ocupada”? Os jovens trouxeram para o movimento novas formas de viver, pensar em um novo formato de luta social. Utilizaram o

---

<sup>16</sup> Artistas apoiam a causa das ocupações que tomaram escolas de São Paulo contra o projeto de reorganização proposto pelo governo daquele Estado. Composta por Dani Black, a música "O Trono de Estudar" ganhou participações de 18 artistas, como Chico Buarque, Maria Gadú, Pedro Luís, Dado Villa-Lobos, Paulo Miklos, Arnaldo Antunes, Tiê, Zélia Duncan e vários outros. Disponível em <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/artistas-lan%C3%A7am-m%C3%BAsica-sobre-ocupa%C3%A7%C3%A3o-das-escolas-1.349278>> Acesso em 14/09/19.

corpo como forma de protesto e resistência, quando assumem o comando das atividades das instituições de ensino, invertendo toda a lógica hegemônica da estrutura escolar. Não só as ocupações, mas muitos movimentos entre os séculos XX e XXI, carregam essa forma de ação política, social e direta, de centenas de pequenos grupos, reunindo multidões em todo o planeta como Revolta dos Pinguins, Primavera Árabe, Occupy Wall Street, Occupy London, Indignados na Espanha e as Jornadas de Junho no Brasil, buscando uma sociedade mais igualitária.

Cronologicamente, no Brasil, uma série de protestos foram se estabelecendo a partir do ano de 2013, mais especificamente, em junho com a ocorrência de grandes mobilizações em diversas cidades do Brasil conhecidas como Jornadas de Junho, que se iniciaram em torno da pauta do transporte público, sendo organizadas por movimentos como o do Passe Livre (MPL). Ainda no ano de 2013, a câmara de Vereadores é ocupada em Porto Alegre por organizadores do Bloco de Lutas pelo Transporte Público, reivindicando além do Passe livre municipal para estudantes e desempregados, a abertura das contas das empresas responsáveis pelo transporte coletivo na cidade. Nesse mesmo ano, a Reitoria da Universidade Estadual de São Paulo (USP) também é ocupada por seus estudantes. Em 2014, os protestos se voltavam contra os gastos em relação à Copa do Mundo no Brasil. (NARCISO, 2017. p. 151-157)

No ano de 2015 eclode o fenômeno denominado de OCUPA ESCOLA em todo o país. A primeira instituição ocupada foi em São Paulo. A pauta principal desse movimento que se espalhou por todo estado, foi a revogação do decreto nº 61.672 que previa o fechamento de 93 escolas em todo o estado, o que acarretaria na transferência de professores para a implementação da reorganização escolar e transferiria, compulsoriamente, pelo menos 311 mil alunos. Em 4 de dezembro de 2015 o Governo do Estado de São Paulo recua em relação ao decreto, por conta da pressão dos estudantes. Ainda em dezembro do mesmo ano, a primeira escola em Goiás é ocupada, nesse contexto, a pauta se baseava na revogação do projeto do governo do estado de passar a administração das escolas públicas para a iniciativa privada, as chamadas organizações sociais. Só em fevereiro do seguinte ano, 2016, que o governo recuou da proposta. (NARCISO, 2017. p. 151-157)

Já em 2016, o fenômeno das Ocupações se espalhou para estados como Rio de Janeiro, com mais de 70 escolas ocupadas, inclusive, o Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, objeto de estudo dessa pesquisa, foi o pioneiro. Algumas das reivindicações dos estudantes da escola, consistiam na exoneração do diretor da unidade, no fim do Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro (Saerj) e em um projeto de lei que assegurasse a eleição de

diretores das escolas pelos mesmos. Ainda nesse mesmo ano, outros estados ocuparam suas instituições. Segue mapeamento do website G1<sup>17</sup>

Figura 2

### Ocupações pelo Brasil

Lista de estados com escolas ocupadas



Fonte: Website G1

É importante ressaltar que cada ocupação tinha suas pautas internas e também pautas gerais que faziam com que o movimento fosse um grande fenômeno com pautas coletivas, pensando uma educação gratuita, de qualidade como direito garantido e assegurado pela Constituição. A partir desse fenômeno buscamos dialogar com conceitos de participação, engajamento, ativismo para melhor entender as nuances desse momento histórico para o país e para a juventude.

Nesse sentido, falar em participação, nos remete à ideia de pensarmos em cidadania e democracia, entendendo a necessidade do envolvimento político dos cidadãos para com os seus direitos e deveres assegurados em 1988, com a Constituição Federal, que ficou conhecida também por “Constituição Cidadã”. Maria da Glória Gohn (2007), traz importantes elementos para se entender os processos de participação na sociedade brasileira e um resgate das lutas da

<sup>17</sup> Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/pelo-menos-21-estados-tem-escolas-e-institutos-ocupados-por-estudantes.ghtml> > Acesso em 24/08/19.

sociedade por direitos sociais e cidadania. A autora defende que os conselhos setoriais aparecem como os principais espaços de fortalecimento da democracia na gestão das políticas públicas. Esses espaços são canais de participação que articulam representantes da sociedade civil e do poder público na gestão de bens públicos e se constituem como espaços de inovação e de negociação de conflitos.

No entanto, Arroyo (2010) justifica a dificuldade de participação da população brasileira na vida social e política, pois não estão sendo educados para a cidadania, ou seja, o autor acredita na educação como instrumento para a construção de um Estado republicano democrático.

Mesmo com toda dificuldade de envolvimento político dos cidadãos, é perceptível, na última década, avanços no que se refere à participação dos jovens nas diversas esferas da sociedade, especialmente nas lutas reivindicatórias por direitos sociais, políticos e civis e para que os Poderes Públicos os incluam na agenda pública, na luta pela ampliação dos canais de participação institucional e pela melhoria das políticas públicas. Alguns exemplos dessas conquistas envolvem a criação do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) em 2005, da realização da I e II Conferência Nacional de Juventude em 2008 e 2011 respectivamente e a criação e incentivo à programas sociais como, PROJOVEM, PROUNI, Jovem Aprendiz, entre outros. Esse processo de luta e conquistas da juventude se espalhou pelo Brasil com a criação de Coordenadorias/Secretarias e Conselhos de Juventude nas esferas municipais e estaduais, bem como com a fundação de Fórum e Rede de Juventude para discutir questões relacionadas à ampliação dos direitos juvenis.

Além disso, falar de participação política dos jovens, nos remete a pensar em como esses sujeitos estão envolvidos em diferentes espaços de participação, distintos das formas mais tradicionais de engajamento político, atuando através de formas de organização diferentes, enfrentando outras temáticas em comparação às gerações passadas. Com o desenvolvimento da internet, criaram-se novos espaços e oportunidades para a participação. Crescem, a cada dia, o número de usuários, os serviços disponíveis e as possibilidades de troca. Esse processo provoca uma mudança profunda na comunicação e na circulação de informações, assunto que será abordado na próxima seção.

Udi Mandel Butler e Marcelo Princeswal (2012) vão problematizar quais foram as principais mudanças no cenário político, econômico, social, cultural e, conseqüentemente, subjetivo que afetaram as maneiras e os espaços de participação partindo de uma perspectiva histórica. Os autores vão trabalhar com a questão de uma participação que eles denominam mais “formal”, ou seja, voltada para a militância política mais tradicional, o movimento

estudantil, setores jovens de partidos políticos, e as novas formas de participação centradas na sociedade civil e especialmente nas organizações não-governamentais.

Nesse sentido, a participação juvenil neste período foi marcada por sua horizontalidade, como no caso das Ocupações, em que os estudantes se dizem não representados por partidos políticos, carregando um aspecto antiautoritário e contra formas de organização demasiadamente rígidas. Dessa forma, os jovens buscam o respeito à autonomia. A participação social juvenil se estabelece, considerando os envolvimento dos jovens em questões sociais que têm relação com a melhoria das condições de vida de sua comunidade, da sua escola e da sociedade como um todo.

Segundo Maurício Perondi (2015) quando se fala em participação social, não se limita ao pertencimento a determinadas instituições sociais, como a família, a escola, as igrejas, os clubes, entre outros. Outrossim, considera-se a atuação em situações concretas que visam melhorar suas próprias vidas e as de outras pessoas. Especialmente que se caracterizam como ações coletivas, realizadas conjuntamente com seus pares.

## 4.2 Redes e mobilização

Há exatamente uma semana ocupamos  
nossa escola!  
Passados esses dias, com união, auto-  
organização, criatividade, resistência e  
ataques contrários, nós continuamos  
sabendo porque ocupamos:  
Por uma educação de qualidade!  
#ocupamendes #forçamendes  
#nãootemarrego<sup>18</sup>

Os movimentos sociais no novo milênio defrontam-se com novas demandas, novos conflitos e novas formas de organização, todos gerados pelas mudanças ocorridas nas últimas décadas do século XX, genericamente circunscritas como efeito da globalização, em suas múltiplas faces Gohn (2008). A autora também aborda que um movimento social com certa permanência é aquele que cria sua própria identidade a partir de suas necessidades e seus desejos, tomando referentes com os quais se identifica.

Através dessas contribuições, olhar para o movimento das ocupações estudantis e compreender que os estudantes, muitas vezes, sem voz nas suas escolas, participaram

---

<sup>18</sup> Fonte: facebook página Mendes em Luta data:28/03/16

politicamente, partindo de uma autogestão, reivindicando uma educação melhor, contrários ao sucateamento da educação, a favor de melhorias na infraestrutura e também com foco nos aspectos políticos pedagógicos das instituições, sobretudo no que diz respeito ao currículo, nos leva a analisar como se estabeleceram as estratégias utilizadas por eles nesse movimento, de tal modo que o movimento ganha maior dimensão através das redes de articulação e de comunicação, especialmente, pelo potencial da internet como ferramenta para disseminação de conteúdos informacionais de caráter político e social. Nessa linha, os estudantes a utilizavam como um suporte para organizar ações coletivas, mobilizando outros sujeitos que se interessavam pela temática. Castells (2013, p.21) aprofunda:

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora. (p.21)

Gohn (2008, p.446) traz para a discussão as categorias de redes sociais e temáticas para ilustrar a interação dos movimentos sociais contemporâneos, podendo ser locais e/ou globais

Dessas articulações surgem as redes sociais e temáticas (gênero, faixas etárias, questões ecológicas e socioambientais, étnicas, raciais, religiosas), os fóruns, as câmaras, etc. A rede social tem um enraizamento maior com as comunidades locais. A rede temática tem poder de articulação que extrapola o nível local, atuando da esfera local até a global. As redes sociais são importantes porque nos indicam os vínculos e as alianças existentes nas redes temáticas. Os antigos e novos movimentos sociais, assim como as ONGs, utilizam-se das redes de diferentes formas.(p.446)

Uma vez que os jovens na sociedade brasileira carregam o estigma de pouca participação política, social e cultural, se faz necessário pensar o conceito de mobilização social, no contexto das ocupações estudantis, em que os jovens se organizaram e se mobilizaram ocupando suas escolas, analisando esse conceito como um processo político e cultural presente em todas as formas de organização das ações coletivas. Para Toro (2007) Mobilização Social é o envolvimento ativo do cidadão, da organização social, da empresa, nos rumos e acontecimentos em nossa sociedade. Ela se traduz em pequenas ou grandes ações e pode ser desempenhada de diferentes formas. Sendo assim, o movimento de ocupação tem no seu contexto a mobilização como um instrumento, uma ferramenta para aglutinar sujeitos para atuarem na realidade onde vivem, inclusive na instituição escolar, reeditando a estrutura da escola pública, entendendo o espaço público como de todos e não somente do governo e dos gestores educacionais.

Hoje, os jovens se mobilizam de forma muito mais diversificada diferente do passado. Com o uso da internet por esses sujeitos, profundas mudanças e transformações aconteceram. De acordo com Elisabete Maria Garbin (2009, p.31) uma das consequências mais diretas dessas mudanças é o acesso às informações instantâneas de qualquer parte do mundo, em especial, nas vidas dos jovens. Sabe-se que o desenvolvimento das tecnologias dos computadores e da comunicação influenciou e influencia definitivamente as atitudes da chamada Geração Net.

Dessa forma, em um mundo globalizado e conectado através das redes, a população vai para rua demonstrar suas insatisfações e reivindicar suas demandas, pelo fato dela já não se sentir mais representada pelos governos ou partidos políticos, como no caso das Jornadas de Junho, em 2016. Nesse contexto, esses movimentos ocupam às ruas para expor suas opiniões, buscam por melhorias de vida diretamente aos poderes públicos, promovendo, assim, a necessidade de revisão das mais variadas políticas públicas implementadas em todo o país. Foi nascendo, por meio da internet, numa conexão tamanha, o reflexo de uma indignação misturada a um desejo de justiça e mudança. Processo esse que, de forma híbrida, foi para as ruas do país na mesma velocidade e proporção que percorreu as redes, de modo a revelar um espaço apropriado pelas novas gerações de uma realidade num “mundo de virtualidade real” (CASTELLS, 2013, p.184).

Figura 3



Imagem do movimento de ocupação.

Disponível em <https://biblioo.cartacapital.com.br/a-revolta-dos-adolescentes/>.

É perceptível que o movimento de Ocupação, ocorrido em vários estados do país, foi um movimento em rede, criado de forma horizontal, híbrida, com ocupações e uso das redes sociais para realizar mobilizações, produzir conteúdo, dar informações e fortalecer os direitos dos estudantes. O movimento teve como ponto principal a criação das redes horizontais, multimodais, tanto na internet quanto no espaço urbano, mostrando a autonomia dos jovens.

Na atualidade, os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet. (GOHN, 2010. p. 335-336).

O colégio estudado nesta pesquisa, atualmente ainda possui a página do Facebook, que recebe o nome de Mendes em Luta<sup>19</sup>, que continua divulgando eventos da escola, porém não mais com tanta frequência. Outro fator da importância das redes sociais na vida dos jovens e dos movimentos contemporâneos, que conseguimos observar na página Mendes em Luta, é o número de seguidores que ultrapassa 14 mil pessoas, mesmo que essas pessoas não estudem na escola, não morem no Rio de Janeiro, ou sequer conheçam o ambiente físico do Mendes de Moraes, ficam conectados com os eventos decorrentes dos jovens com a escola e com a educação pública.

Outro fator de destaque, é a relação que as redes sociais apresentam entre si. Como exemplo disso, navegando na página Mendes em Luta, no perfil, encontramos um link que quando acionado, nos direciona para a plataforma de vídeo Youtube<sup>20</sup>, com o canal criado pelos alunos na época das ocupações, para divulgar os vídeos, feito por eles mesmos. O canal recebe o nome de Ocupa Mendes, conta com um número de 104 inscritos e um total de 22 vídeos, todos postados há 3 anos, época do movimento.

O movimento de ocupação não ocorreu só no Rio de Janeiro, como já falado, porém milhares de estudantes secundaristas tiveram que agir com muita coragem. Pois através do que chamamos de redes de comunicação os estudantes tiveram que dialogar com outros órgãos competentes, enfrentar resistências tanto familiares, quanto do próprio Estado, através da polícia militar e das Secretarias de Educação e, até mesmo, alguns funcionários e diretores das instituições que eram contrários ao movimento.

Segundo Antonio David Cattani (2017, p.9) passado o momento eufórico ou traumático das primeiras horas da ocupação, [os estudantes] tiveram coragem pra tomar decisões, organizar rotinas, a divisão de tarefas e as atividades que pudesse reforçar o movimento. Tudo era desconhecido, incerto e, de certo modo, assustador. Logo, a pressão das autoridades estaduais e a ação da polícia ampliaram as condições adversas.

---

<sup>19</sup> Última publicação da página foi do dia 05 de abril de 2019. Acesso em 10/09/2019.

<sup>20</sup> Disponível em < [https://www.youtube.com/channel/UCu5hZ\\_kxVjUBaC9r158r-rQ](https://www.youtube.com/channel/UCu5hZ_kxVjUBaC9r158r-rQ) > Acesso em 10/09/2019.

Figura 4



Estudantes realizam protesto contra a reorganização.

Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2015/12/ocupacoes-atos-e-polemicas-veja-historico-da-reorganizacao-escolar.html>.

A grande mídia também passa a atuar contrária aos estudantes e o movimento, muitas vezes tratando os protestos estudantis como baderna e os criminalizando, os chamando de irresponsáveis.

Além disso, os estudantes mudaram a rotina escolar e o próprio currículo, pois organizaram espaços de estudos em forma de oficinas, rodas de conversas, intervenções artísticas e, em alguns casos, até elaboraram cursinhos preparatórios para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O fato é que, nesse processo, os ocupantes escolheram os conhecimentos e as temáticas que deveriam ser tratadas. Isso nos faz pensar que os estudantes estavam, de alguma forma, tentando montar um currículo que atendesse os seus interesses.

Em todos os movimentos de ocupação no Brasil, a escola era dos alunos e pensadas por eles. Esse fato gerou polêmica e divisão de opiniões, pois como, uma parcela da população, relaciona os jovens como baderneiros e preguiçosos, acreditavam que estavam ocupando a escola para não ter aula e fazer festas, ou seja, sem a direção presente, a escola viraria uma grande festa. Por outro lado, outra parcela da população, já acreditava que os jovens estavam dando uma “aula” pela luta por seus direitos e da sociedade em um geral, reivindicando uma educação de qualidade, mostrando a importância da escola para a formação do cidadão.

De acordo com Fernando Seffner (2017, p.34) ocupar a escola, permanecer nela todo o dia, ali cozinhar, dormir, receber os visitantes que chegam, resistir às pressões para a desocupação, organizar o cotidiano, providenciar o necessário para viver, tudo isso gerou intensa sociabilidade entre os alunos e alunas. Isso nos leva a crer que redes foram criadas no momento em que os alunos estavam todos juntos em prol de um objetivo comum que era a luta pela educação. Todos mobilizados vivenciando o poder de criar novos afetos políticos, sociais e culturais.

Na próxima seção, apresentamos um pouco do histórico do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes. Adiantando que o colégio tem uma trajetória de lutas no que diz respeito às melhorias para a população que frequentava a escola.

## **5. #OCUPAMENDES: DE QUAL ESCOLA ESTAMOS FALANDO?**

### **5.1 Colégio Estadual Prefeito Mendes De Moraes: O Pioneiro.**

1949 foi o ano de fundação do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, mais precisamente em 8 de junho. O colégio completou 70 anos de existência em 2019. Não cabe aqui detalhar todos esses 70 anos de contribuição de educação para a sociedade, inclusive, para a comunidade moradora da Ilha do Governador, onde se localiza a escola. No entanto, tentamos situar um pouco do histórico dessa instituição que é objeto de estudo dessa pesquisa.

É interessante marcar nesse trabalho, que o Mendes foi a instituição em que me formei no ensino médio do ano de 2005 até 2007. O fato de ter sido aluna da escola aparece como uma das motivações para investigar o que aconteceu na instituição a partir do fenômeno da ocupação, já que nos anos em que estudei, não me recordo de os alunos serem incentivados a se envolverem com questões sociais e políticas, ou até mesmo, nas aulas de sociologia, filosofia e história, serem abordados temas políticos, sociais e culturais, que instigassem a participação dos jovens tanto nas decisões em relação à escola, quanto nos movimentos que aconteciam na sociedade. Buscando um pouco sobre a história da escola em websites, encontrei um blog<sup>21</sup> de um professor de história da escola, Pedro Paulo Vital, que traz a história do Mendes de Moraes desde a sua fundação até os dias atuais.

O nome da instituição faz referência ao Prefeito Ângelo Mendes de Moraes<sup>22</sup>. Na condição de Distrito Federal, o Rio de Janeiro não possuía autonomia política e a então capital

---

<sup>21</sup> Disponível em : <https://pedropaulorasgaamidia.com/2019/06/04/mendes-70-anos-parte-i-os-primeiros-tempos-1949-1964/> Acesso em: 17/07/2019.

<sup>22</sup> Fato curioso é que o atual estádio de futebol conhecido como Maracanã, levaria o nome de “Estádio Prefeito Mendes de Moraes” em homenagem ao general. No entanto, o nome oficial do Maracanã acabaria recaindo

federal era administrada por um prefeito nomeado pelo Presidente da República. O Presidente Eurico Dutra havia nomeado, em 1947, o general Ângelo Mendes de Moraes<sup>23</sup> para prefeito do então Distrito Federal. Mendes de Moraes ocupou o cargo entre 1947 e 1951. O prefeito nasceu no Rio de Janeiro em 1894 e viria a falecer no ano de 1990, com 95 anos de idade. No mesmo ano de inauguração do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes é inaugurada em Guaratiba, outro bairro do Rio de Janeiro, a escola “Deborah Mendes de Moraes”, uma homenagem à esposa do prefeito. É perceptível que o prefeito queria deixar e deixou um legado para a lembrança de sua existência na cidade do Rio de Janeiro.

Outro fator importante é que, no ano de 1949, ano da inauguração do colégio que receberia o nome do prefeito, também foi inaugurada uma ponte que hoje é conhecida pelos moradores da Ilha do Governador como “ponte velha”, o que possibilitou a mobilidade entre a Ilha do Governador e outros bairros. A construção da ponte foi de grande valia no que se referia às demandas do próprio crescimento da Ilha do Governador e das instalações de bases militares no local, sobretudo com a construção de uma escola no local, já que com o passar dos anos, a escola não atenderia só a população da Ilha do Governador.

Quando foi inaugurado, o colégio possuía 9 salas de aula, um laboratório de Ciências, oficinas de encadernação e marcenaria, um refeitório e um consultório médico e dentário. Para a construção do colégio, uma grande área teve que ser aterrada e um pequeno rio que passava no local, canalizado. Na época da inauguração do colégio, vigorava no Brasil a reforma de ensino que havia sido feita pelo ministro Gustavo Capanema, ainda na Era Vargas, dividindo o ensino em *primário*, *ginásial* e *colegial*, sendo este último subdividido em *científico* e *clássico*.



Figura 5 – Mendes de Moraes em 1949

---

sobre o jornalista Mário Filho, um dos grandes incentivadores da construção do estádio. E o nome oficial só seria dado em 1966.

<sup>23</sup> “Prefeito Mendes de Moraes” também é o nome de uma avenida no bairro de São Conrado.

Além disso, o Colégio Mendes de Moraes se tornaria o primeiro estabelecimento oficial de ensino ginásial e, posteriormente, de ensino médio da Ilha do Governador. Seu primeiro nome de inauguração foi “*Ginásio Municipal Prefeito Mendes de Moraes*”. Em 1950, as atividades do Ginásio Municipal Mendes de Moraes efetivamente tiveram início, com a existência apenas do turno da manhã, onde contava com 65 alunos de preparatório<sup>24</sup> e 12 alunos do curso ginásial. A construção do Ginásio Mendes de Moraes foi de grande importância para a população insulana, pois como já dito, foi a primeira instituição a ofertar o ensino ginásial. A construção do colégio resultou também da pressão feita pela Associação de Moradores da Ilha do Governador – AMIG – que existia desde 1946 e a associação chegou a contribuir com materiais de construção. A partir disso, a obra ficou pronta em apenas um ano, surgindo assim o primeiro ginásio da Ilha do Governador. Já conseguimos perceber que a escola nasce a partir da luta dos moradores locais em busca de uma educação que atendesse ao bairro.

Foi a partir do ano de 1953 que o colégio passou a denominar-se “*Colégio Municipal Prefeito Mendes de Moraes*” e o número de alunos passaria dos 65 iniciais para cerca de 300. A mudança do nome tinha uma razão: o estabelecimento não seria apenas “ginásio”, mas passaria também a ter o colegial, oferecendo o curso científico. Em 1955, já com 8 turmas do curso ginásial e 3 do científico, o corpo discente já contava com 350 alunos, com o colégio ainda funcionando somente no turno da manhã. Já em 1955, originou-se o atual auditório do colégio, palco de vários eventos como solenidades de formatura, eventos culturais, assembleias, reuniões pedagógicas e festas. Sendo assim, o colégio passou por um período de grande expansão para atender o público que buscava educação.

Porém, com o golpe militar de 1964, que derrubou o Presidente João Goulart e instalou a ditadura no Brasil, estudantes e professores foram alvos da repressão. E o Colégio Mendes de Moraes seria uma das resistências. Tempos muito duros foram vividos e o ensino, o movimento estudantil e os professores seriam alvos de ataques e perseguição. O Colégio Mendes de Moraes teria em seu centro cívico<sup>25</sup> uma forte representatividade estudantil. O Centro Cívico Joaquim Gomes de Souza foi alvo de perseguição e repressão por parte do governo.

No início dos anos 1970 que a educação brasileira passa por uma reformulação como consequência do governo militar instalado em 1964. A Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 5692/1971, alterou a divisão do ensino no Brasil. Os antigos cursos primário e ginásial, que juntos duravam 10 anos, passaram a formar um único ciclo

---

<sup>24</sup> Trata-se de um preparatório para o exame de admissão, que era a antiga prova de acesso ao curso ginásial.

<sup>25</sup> Durante os anos 1960 e 1970, foi um dos centros cívicos mais ativos e combativos, com uma clara posição política de oposição à ditadura militar instalada no Brasil pelo golpe de 1964.

denominado Primeiro Grau, com a duração de 8 anos, e o antigo colegial passava a denominar-se Segundo Grau, sendo este profissionalizante. Com essas mudanças, não existiria mais o exame de admissão. O Colégio Mendes de Moraes, então, seguindo a nova legislação, tornou-se um estabelecimento que ofereceria, a partir desse momento, apenas o ensino de segundo grau, sendo o único a funcionar nos três turnos na Ilha do Governador.

Já em 1975, com a fusão dos antigos estados da Guanabara e Rio de Janeiro, a antiga Guanabara passou a ser o município do Rio de Janeiro e tornou-se capital do novo estado e foi aí que algumas escolas passaram a ser municipais e outras estaduais. As escolas que ofertavam o primeiro grau (atual ensino fundamental) passaram a ser municipais, enquanto as que ofertavam segundo grau (atual ensino médio) passaram a ser estaduais. Foi aí que o Mendes de Moraes se tornou um colégio estadual.

No início dos anos 1980 a ditadura militar agonizava. A intensificação dos movimentos sociais levou a conquistas importantes e a “*Campanha pelas diretas já*”, em 1984, exigindo o retorno das eleições diretas para Presidente da República, foi o auge da mobilização popular. As eleições diretas para governadores de Estado já haviam sido resgatadas e, em 1982, Leonel Brizola era eleito, pelo voto direto, governador do Estado do Rio de Janeiro. O regime militar havia chegado ao fim em 1985, em uma transição negociada e uma Assembleia Constituinte, eleita em 1986, havia promulgado uma nova Constituição em 5 de outubro de 1988. Muitos direitos que haviam sido interrompidos durante a ditadura foram resgatados, dentre eles o direito do povo eleger o Presidente da República, o que a spo veio a ocorrer em 1989.

Com o mesmo pensamento das diretas já, o SEPE (Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação) passou a defender a proposta de eleição direta para diretores das escolas. Em 1989 a comunidade escolar conquistava o direito de eleger o seu diretor. Elton Palmeira Brandão foi eleito diretor do Mendes de Moraes. Com a administração colegiada implantada pelo professor Elton Palmeira Brandão, as decisões a serem tomadas pela direção seriam discutidas e deliberadas por representantes de todos os segmentos do colégio: professores, alunos, funcionários, Serviço de Orientação Educacional (SOE), Serviço de Orientação Pedagógica (SOP). As reuniões do colegiado eram periódicas e os membros que iriam compô-lo eram escolhidos entre os pares de cada segmento. O membro que deixasse de comparecer a duas reuniões era excluído e deveria ser substituído. Tudo para evitar o absenteísmo, motivar a participação e fortalecer o comprometimento. Existiam setores contrários a esse tipo de gestão, pois para eles, o colegiado não passava de uma inversão de valores em que alunos e professores ficavam em um mesmo patamar.

Após a experiência colegiada vivida na gestão do professor Elton, foi eleito para diretor o professor Wagner Desidério Bandeira. O diretor Wagner Bandeira, que assumiu a direção do colégio em 2 de janeiro de 1992, no entanto, não chegaria a completar o seu mandato. Muito criticado, o diretor Wagner Bandeira parecia não ter o mesmo respaldo político que seu antecessor. No mês de julho daquele ano o colégio sofreria uma intervenção e o diretor Wagner Desidério Bandeira seria sumariamente exonerado. No dia 15 de julho de 1993 ocorreu a nomeação do professor Rivaldo Rodrigues Gomes para diretor do Colégio Mendes de Moraes, na condição de interventor.

Rivaldo mudaria a história do Colégio Mendes de Moraes e, até os dias atuais, é muito lembrado por conta de sua gestão. Em 1995, foi criada a Associação de Apoio à Escola (AAE) do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, constituída por uma Diretoria e um Conselho Fiscal, eleitos por uma Assembleia Geral formada por toda a comunidade escolar. A Associação, fundada em uma assembleia realizada no dia 20 de maio de 1995, seria a responsável, principalmente, por gerir as verbas de manutenção e da merenda escolar e possuiria personalidade jurídica e estatuto próprios.

Em 20 de dezembro de 1996 era publicada a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que dividiu a educação básica em ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio e o Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes se tornou, então, um estabelecimento de ensino médio conforme a determinação da nova legislação. Com o tempo, o diretor conseguiu unir professores e alunos. Sua gestão foi logo mostrando resultados. Inicialmente, na mudança e controle de horários de professores e funcionários. Professores foram trocados de turmas e/ou turnos ainda no meio do ano letivo. Obras de melhorias nas instalações do colégio foram realizadas e a imposição de uma disciplina mais rigorosa aos alunos, especialmente no tocante a trajés, uniformes, horários e zelo pelo patrimônio escolar, seria uma das marcas registradas de sua administração.

No final do ano de 2004, uma tentativa de derrubada do professor Rivaldo partiu da própria Secretaria de Educação. A Secretaria de Educação havia nomeado o professor Djalma Barbosa para a direção do colégio sem qualquer aviso prévio à comunidade escolar. Porém, ocorreu uma mobilização em prol da permanência do Rivaldo na direção, com apoio do SEPE (Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação), reuniões no colégio, idas à Secretaria de Educação e à Assembleia Legislativa e o encontro final, no Palácio Guanabara, de dezenas de professores e funcionários com o então Secretário do governo Rosinha Matheus, seu marido Anthony Garotinho, garantiriam a permanência de Rivaldo por mais três anos na direção. Estudei no colégio nessa época da gestão do Rivaldo, entre os anos de 2005 e 2007. Lembro-

me do diretor Rivaldo em algumas situações, como após tocar o sinal do intervalo, o mesmo ia até a cantina e mandava os alunos subirem para as aulas, a questão do uniforme e horário era bem marcante. Houve um dia em que algum aluno estourou uma “bombinha” no recreio e ninguém pôde voltar para a sala até que a pessoa que tinha feito aquilo aparecesse. Rivaldo era aberto à novas ideias, ocorriam feiras de culturas e festas juninas na escola, mas era mais rígido em relação à disciplina dos alunos.

Em 2008 o período de gestão do diretor chegava ao fim e, em uma sucessão negociada, com o aval da SEEDUC, da Metro III e da comunidade escolar, em uma assembleia realizada no auditório do colégio no dia 12 de novembro de 2008, o nome do professor Marcos Antônio Reis Madeira foi oficializado como sucessor de Rivaldo Rodrigues Gomes. A assembleia, que teve 650 participantes, entre professores, alunos e funcionários, contou com a presença da então Coordenadora da Metro III, professora Graça Antunes que, em sua fala, destacou a legitimidade da mesma pela presença maciça da comunidade escolar. Aquela seria a última participação do professor Rivaldo em uma assembleia como diretor. O professor Marcos Madeira, que havia sido adjunto durante um bom tempo na administração Rivaldo, ficaria na direção por pouco mais de sete anos.

A saída do professor Rivaldo Rodrigues Gomes e a chegada do professor Marcos Antônio Reis Madeira à direção do Mendes de Moraes traziam um grande desafio ao novo diretor, pois Marcos Madeira tinha outro estilo. Como havia sido por cinco anos adjunto do Rivaldo, em relação à questão administrativa, o diretor passava mais segurança à comunidade escolar. No entanto, a gestão de Marcos Madeira coincidiu com a derrocada administrativa e financeira do Estado do Rio de Janeiro, motivada pelos escândalos de corrupção envolvendo as mais altas autoridades públicas do Estado. Funcionários terceirizados foram retirados do colégio, em virtude de as empresas contratadas não serem pagas pelo governo estadual, as funcionárias responsáveis pelo preparo da alimentação dos alunos não puderam, por algum tempo, trabalhar, por não receberem salários, e a escola ficaria até sem merenda.

Foi durante a gestão do professor Marcos Madeira que as obras de expansão e melhoria das instalações do colégio foram concluídas, após vários anos de obras que ficaram, por muito tempo, interrompidas, especialmente por falta de pagamento dos governos estaduais. No início do ano letivo de 2014, com a conclusão das obras, os alunos receberiam o colégio com um ginásio coberto, um novo e amplo refeitório e 12 novas salas de aula construídas em um prédio anexo de dois andares. Além disso, a acessibilidade foi facilitada com a construção de rampas. Com as obras, o colégio passaria a ter 23 salas de aula e capacidade para atender até 2600 alunos.

No início do ano letivo de 2016, no mês de fevereiro, em meio ao calor do verão brasileiro, os alunos após o recreio, realizaram um protesto no qual recusaram-se a voltar às salas de aula. Com os aparelhos de ar refrigerado sem funcionar, os alunos sentaram-se nos corredores e filmaram a cena, que iria viralizar pelas redes sociais.



Figura 6: fevereiro de 2016. Os alunos, em protesto pela falta de climatização, em pleno verão, recusam-se a entrar nas salas de aula, que passavam a ser chamadas pelos alunos e docentes de “saunas de aula”. Foto: Portal Ilha Carioca.

No dia 21 de março de 2016, em meio a um movimento grevista dos professores, o movimento “*Ocupa Mendes*”, organizado pelo grêmio estudantil e pelos alunos, faria com que o Colégio Mendes de Moraes entrasse para a história como sendo o primeiro colégio da rede estadual do Rio de Janeiro a ser ocupado por alunos, a exemplo do movimento que já vinha ocorrendo em São Paulo. Por melhores condições de ensino, mais verbas para a educação, apoio à greve dos professores e em uma clara oposição ao diretor. O Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes entraria para a história com um movimento de alunos jamais visto naquele estabelecimento e que traria fraturas políticas para a comunidade escolar, algumas com cicatrizes até hoje. O movimento “*Ocupa Mendes*” teve no grêmio estudantil do colégio o seu epicentro, além do apoio de diversos movimentos sociais.



Figura 7: a ocupação do Colégio Mendes de Moraes em 21 de março de 2016, Foto: Portal Ilha Carioca.

Na próxima seção, analisaremos o movimento de ocupação a partir das perspectivas dos alunos do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, a fim de entender quais as motivações, a organização do movimento, a repressão e como foi esse período que teve duração de quase dois meses na cidade do Rio de Janeiro, no bairro da Ilha do Governador.

## 5.2 Os estudantes e a escola

O movimento de ocupação ocorreu em vários estados brasileiros, tanto nas escolas quanto nas universidades públicas, e se posicionava contra a Proposta de Emenda Constitucional que diz respeito ao orçamento da União destinado à educação e à saúde, assim como a Medida Provisória de Reforma do Ensino Médio.

No Rio de Janeiro, as pautas passavam por aspectos de infraestrutura até aspectos políticos-pedagógicos que interfeririam na relação desses jovens com a instituição escolar, ou seja, os jovens demandavam serem ouvidos. Os estudantes estavam lutando por democracia e por uma educação pública que respeitasse a diversidade e que também fosse construída por eles.

A escola aqui selecionada para investigação é o Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, na Ilha do Governador, bairro da Freguesia.

Segundo divulgação do jornal O Globo online datada de 21/03/2016:

Cerca de 50 pessoas, entre alunos e integrantes de movimentos sociais, ocupam, desde a manhã desta segunda-feira, o Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, na Freguesia, na Ilha do Governador, na Zona Norte do Rio.<sup>26</sup>

O Mendes se localiza em área urbana de dependência Estadual, tendo um total de 141 funcionários, 1928 matrículas, em 2018, sendo 10 matrículas na Educação Especial segundo último dado disponível pelo Censo, distribuídas em:

<b>Níveis</b>	<b>MATRÍCULAS 2018</b>
<b>1ºano</b>	<b>802</b>
<b>2ºano</b>	<b>626</b>
<b>3ºano</b>	<b>500</b>

Fonte: Tabela de elaboração própria a partir de dados do QEdu.

Ainda pensando nos dados das matrículas resolvi fazer uma busca no ano antes da ocupação da escola, 2015, no ano da ocupação, em 2016, no ano de 2017, ano após o

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/escola-na-ilha-do-governador-ocupada-por-manifestantes-18929687>> Acesso em 29/03/18

movimento, e no ano de 2018 pois esses dados confirmam a tendência de queda nas matrículas na última etapa do ensino médio, ratificando que os possíveis alunos que chegaram até essa etapa da educação básica são “sobreviventes” ao ciclo da educação desigual que existe no país.

	<b>MATRÍCULAS 2015</b>	<b>MATRÍCULAS 2016</b>	<b>MATRÍCULAS 2017</b>	<b>MATRÍCULAS 2018</b>
<b>Total de Matrículas:</b>	2050	2149	1959	1928
<b>1ºano</b>	948	933	795	802
<b>2ºano</b>	672	739	675	626
<b>3ºano</b>	414	477	489	500

Fonte: Tabela de elaboração própria a partir de dados do QEdu.

Com informações do QEdu, conseguimos perceber que a escola no ano da ocupação, em 2016, possuía 2149 matrículas e em relação a computadores e internet, existiam 15 computadores para todos os alunos e 14 computadores para uso administrativo. Já em 2018, houve um aumento do número de computadores para alunos, somando um total de 40 e uma diminuição no número de matrículas, o que nos leva a crer que os alunos conseguiram mais acesso à tecnologia no ambiente escolar. Porém, em relação ao número de funcionários, houve uma redução de 151 em 2016, para 141 em 2018. O que nos mostra a questão de cortes de funcionários e a não reposição dos mesmos para atender a demanda de alunos, que era uma das pautas do Movimento em 2016.

Em relação a itens como Infraestrutura e dependências, Equipamentos e Saneamento Básico, a escola não se modificou durante o período de 2016 até 2018. Como seguem as tabelas abaixo retiradas do site QEdu.

## **Infraestrutura (dependências)**

<b>Existe sanitário dentro do prédio da escola?</b>	<b>Sim</b>
<b>Existe sanitário fora do prédio da escola?</b>	<b>Sim</b>
<b>A escola possui biblioteca?</b>	<b>Sim</b>
<b>A escola possui cozinha?</b>	<b>Sim</b>
<b>A escola possui laboratório de informática?</b>	<b>Sim</b>

---

<b>A escola possui laboratório de ciências?</b>	<b>Sim</b>
-------------------------------------------------	------------

<b>A escola possui sala de leitura?</b>	<b>Sim</b>
-----------------------------------------	------------

<b>A escola possui quadra de esportes?</b>	<b>Sim</b>
--------------------------------------------	------------

<b>A escola possui sala para a diretoria?</b>	<b>Sim</b>
-----------------------------------------------	------------

<b>A escola possui sala para os professores?</b>	<b>Sim</b>
--------------------------------------------------	------------

<b>A escola possui sala de atendimento especial?</b>	<b>Não</b>
------------------------------------------------------	------------

## Equipamentos

<b>Aparelho de DVD</b>	<b>Sim</b>
------------------------	------------

<b>Impressora</b>	<b>Não</b>
-------------------	------------

<b>Copiadora</b>	<b>Não</b>
------------------	------------

<b>Retroprojektor</b>	<b>Não</b>
-----------------------	------------

<b>Televisão</b>	<b>Sim</b>
------------------	------------

## Saneamento Básico

<b>Abastecimento de água</b>	<b>Rede pública</b>
------------------------------	---------------------

<b>Abastecimento de energia</b>	<b>Rede pública</b>
---------------------------------	---------------------

<b>Destino do esgoto</b>	<b>Rede pública</b>
--------------------------	---------------------

<b>Destino do Lixo</b>	<b>Coleta periódica</b>
------------------------	-------------------------

---

Fonte: QEdu

A partir de vídeos encontrados na plataforma Youtube, acessei algumas informações sobre o movimento de ocupação no Mendes de Moraes na perspectiva dos alunos. No vídeo intitulado de *“Rio de Janeiro-RJ: Colégio Estadual é ocupado por estudantes na Ilha do*

*Governador*”<sup>27</sup> alguns alunos falam como se estabeleceu o movimento na escola. Partem do princípio de explicar o que é ocupação na visão deles: “uma ocupação direta com resultados mais rápidos, com o ato de ocupar”. Um aluno chega a falar “que fazer manifestação lá fora, não vai atingir ninguém e que a manifestação deve ser feita de dentro pra fora”. Utilizam a própria lei como respaldo, no sentido da instituição ser um espaço público. E dizem que o que mudou agora, após a ocupação no dia 21/03/2016, é que quem manda no Mendes são os estudantes.

São organizados e possuem comissões de segurança, comissões de estrutura, comissões de alimentação, comissões de atividades. Sendo a comissão de segurança, grifada por eles, voltada para proteger tanto os alunos que estão dentro da escola, quanto os alunos que estão fora. Eles têm também o toque de recolher, eles pedem que os alunos do turno noturno vão embora a partir das 21h com uma tolerância até as 22h/23h, tendo em vista que depois das 23h ninguém mais sai, ou seja, os jovens que ficam, dormem na escola. Usam duas salas de aula como dormitório, um masculino e outro feminino. Já a comissão de atividades, responsável por pensar os horários dos eventos, divide as atividades em culturais, físicas, oficinas de cartazes, rodas de conversa. Também organizaram o laboratório da escola, onde tinham livros jogados no chão e apontam que o laboratório de Química nunca é utilizado.

Além disso, tecem comentários sobre o diretor da escola, Marcos Madeira, que foi contra a greve, agindo com muita repressão, dividindo os estudantes, para que os mesmos ficassem contrários ao movimento, conseguindo uma parcela de adeptos. O diretor ligou para pais de alunos, muitas vezes os menores de idade, falando que os alunos queriam quebrar tudo, depredar. Até uma “patrulha” do Conselho Tutelar apareceu na escola, querendo entrar sem diálogo. Para os alunos, o Conselho Tutelar deveria estar ao lado deles e, não com a direção, como relatado por um dos jovens no vídeo. A maioria dos estudantes que ocuparam a escola são menores de idade, logo a direção usou isso como manobra para acabar com o movimento. Os estudantes criticaram a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc), alegando que a mesma também estava a favor da direção escolar. Criticam a falta de diálogo com a Seeduc, pois não podiam falar, só ouvir. Entenderam que o tempo de conversa acabou e que começaram a agir com o movimento.

Criticaram a mídia, dizendo que a mesma manipula o pensamento da população. Descobriram lixões na escola, já que existiam livros e focos de dengue no local. Deixam claro que o movimento é independente de partidos políticos, onde não há lideranças, em que tudo é

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S37zvAqMKyE>> Acesso em 23/04/2018.

resolvido por meio de assembleias, movimento que está revoltado com a situação da educação, intitulado-o como um movimento democrático. Um dos estudantes diz que “A luta unificou: é estudante, funcionário e professor”, todos pensando na qualidade da educação pública. Havia também trocas de experiência, na qual todos têm direito de opinião, até quem era contrário. Citam a herança vinda do movimento estudantil de SP como inspiração. Os alunos têm vários tipos de apoio e estimulam outros alunos a ocuparem as suas escolas dando dicas de como fazê-lo.

No próximo capítulo apresentaremos o resultado da pesquisa realizada com alunos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Mendes de Moraes em 2018, apontando o perfil dos mesmos, se participaram ou não da ocupação em 2016 e quais suas percepções sobre o movimento.

## **6. QUEM SÃO OS JOVENS QUE FIZERAM PARTE DO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO NO MENDES: ANÁLISES COM BASE NO PERFIL DOS ESTUDANTES**

Este capítulo está organizado em partes. Na primeira, apresentamos os aspectos metodológicos deste estudo, esclarecendo o caminho escolhido para analisar o perfil dos estudantes que vivenciaram o momento em que a escola estava ocupada. Na segunda, apresentamos o perfil geral dos alunos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, com base no questionário aplicado em 2018. Na terceira parte apresentamos as informações sobre a participação ou não dos estudantes pesquisados no movimento de ocupação da escola, além de analisar algumas percepções dos jovens em relação ao movimento de ocupação ocorrido na escola no ano de 2016.

### **6.1 Aspectos Metodológicos da Pesquisa**

Ser pesquisador nos exige certa criatividade, disciplina e organização. Fazer pesquisa é um processo de investigação, no qual as etapas nem sempre são previsíveis e o pesquisador está sempre se questionando, vivendo em uma tensão, pois seu conhecimento é parcial e limitado. Mirian Goldenberg (2004) entende metodologia como um caminho possível para a pesquisa científica. O que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar.

Dessa forma, retomamos a questão desta pesquisa, uma vez que analisar o perfil e algumas percepções dos alunos que vivenciaram o movimento de ocupação no colégio Mendes de Moraes é o objeto de investigação que surge com a necessidade de entender um pouco mais sobre esse fenômeno recente, sobretudo em se tratando do alunado da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro.

Inicialmente, seriam utilizados como instrumentos da pesquisa: um questionário e entrevistas semiestruturadas. O questionário foi pensando como instrumento para um primeiro acesso aos alunos e depois faríamos as entrevistas semiestruturadas com alguns alunos selecionados a partir de categorias que aparecessem no questionário. Porém, em razão de problemas de saúde, tivemos que readaptar a pesquisa, optando apenas pela análise dos dados levantados através do questionário.

Como esse estudo se realiza após o fenômeno das ocupações ter ocorrido no ano de 2016, tivemos que optar por escolher um recorte para definir em qual período do Ensino Médio iríamos aplicar os questionários, pois a escola tem muitos alunos e não teríamos tempo hábil para analisar o perfil de todo o Ensino Médio do Mendes de Moraes. Sendo assim, aplicamos o questionário para os alunos que no ano de 2018, se encontravam no 3º ano do Ensino Médio, já que de modo geral estes estudantes se encontravam no 1º ano do Ensino Médio em 2016, ano em que a escola foi ocupada por alguns meses e, portanto, conseguiriam tecer alguns comentários em relação à ocupação.

É importante destacar que aplicamos um questionário teste para a turma 3003, escolhida aleatoriamente, somando um total de 34 alunos, para averiguar se não haveria nenhum tipo de incompreensão em relação às perguntas para os respondentes, acarretando em uma possível análise enviesada dos dados. Como houve dificuldade em algumas respostas, alteramos o questionário e reaplicamos para as outras turmas do colégio: 3001, 3002,3004, 3005, 3006,3007,3008,3009,3010, 3011 e 3012. O colégio possui 12 turmas de 3º ano do ensino médio.

O questionário, de autoria própria, foi distribuído nas diferentes turmas pesquisadas (questionário impresso)<sup>28</sup>, a fim de coletar os dados gerais do perfil do alunado do 3º ano do ensino médio da escola, sobre a sua participação ou não na ocupação, além de trazer questões abertas, para verificarmos a percepção dos jovens diante do fenômeno das ocupações. O referido questionário é composto por 21 questões que abordam, entre outras informações, aspectos socioeconômicos, culturais, escolares, de composição familiar e de escolha e

---

<sup>28</sup> O questionário se encontra em anexo .

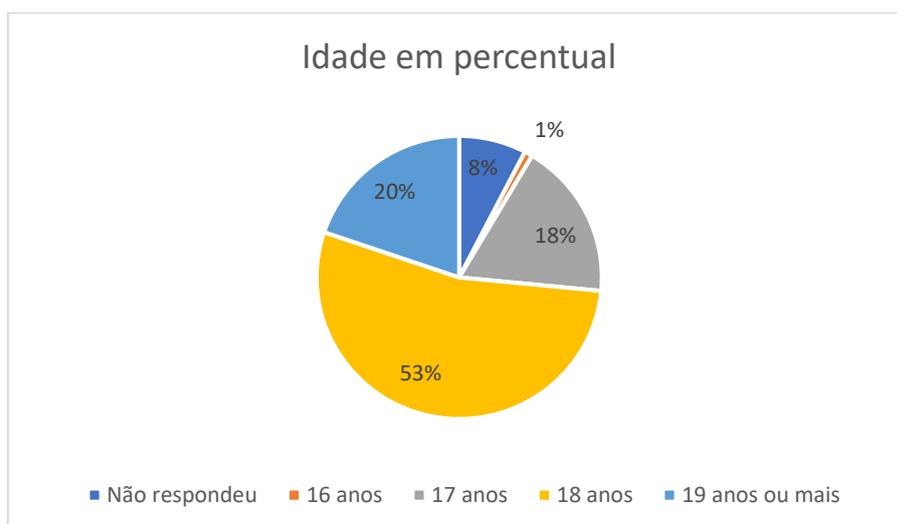
expectativas sobre o ensino superior. Algumas questões são quantitativas, representadas em gráficos de autoria própria, e algumas questões qualitativas, atendendo a necessidade de analisarmos as percepções dos alunos do Mendes de Moraes em relação ao movimento de Ocupação.

No item 6.2 apresentaremos os resultados da parte quantitativos do questionário, mostrando o perfil geral dos alunos do terceiro ano do ensino médio do Mendes de Moraes. Lembramos que no ano de 2018 tínhamos 500 matrículas nesse nível de ensino, e conseguimos aplicar o novo questionário para 331 alunos. No item 6.3 apresentaremos os resultados a partir das questões abertas do questionário.

## 6.2 Perfil dos estudantes pesquisados

### 6.2.1 Idade

Gráfico 3- Idade dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

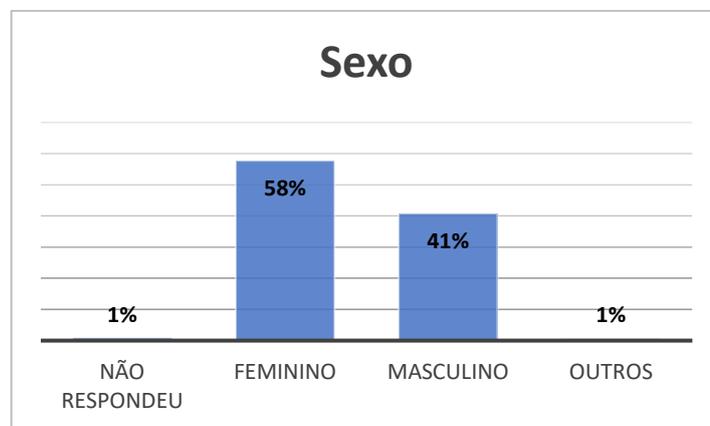
Tendo em vista que o Plano Nacional de Educação (PNE), busca em sua Meta 3 ampliar o acesso ao Ensino Médio ao instituir que 85% dos jovens de 15 a 17 anos devem estar matriculados nessa etapa escolar até 2024, fizemos uma análise dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Mendes de Moraes, para averiguar se a faixa etária dos estudantes nesta série se aproxima da Meta 3 do PNE.

Comparando os dados dos alunos do Mendes com o perfil geral do ensino médio brasileiro, em relação à idade, os alunos do terceiro ano do ensino médio do colégio, em sua

maioria (53%), se encontram na faixa dos 18 anos e 20 % desses alunos se encontram com 19 anos ou mais, num total de 73% de alunos em idade irregular no Ensino Médio, distanciados, portanto, da meta estabelecida no PNE, mostrando que existe um longo caminho ainda a ser percorrido para reduzir os números de distorção idade/série no Plano Nacional de Educação. Isso nos leva a crer que é necessário o direcionamento de políticas para essa etapa da educação básica e para que se corrijam esses números para a população de 15 a 17 anos de idade a partir de estratégias mais específicas e elaboradas.

### 6.2.2 Sexo

**Gráfico 4- Sexo dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM**

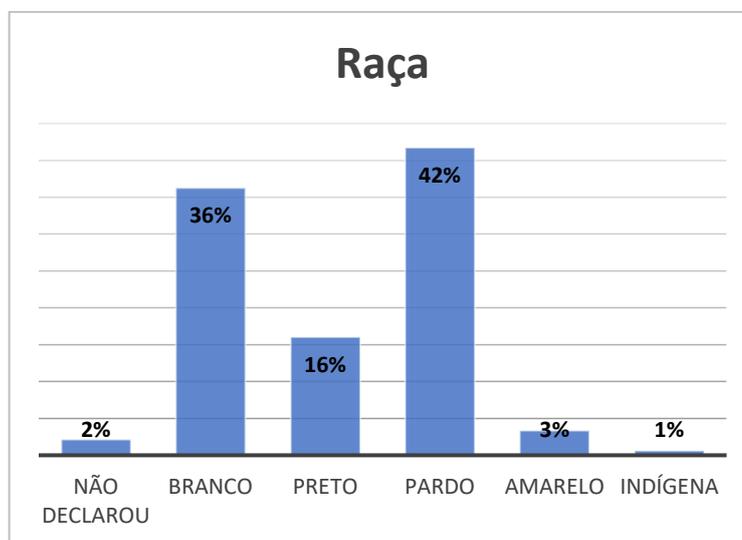


Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Conseguimos perceber que é maioria o público feminino presente no 3º ano do Mendes 58%, acompanhando indicadores nacionais que apresentam a predominância de meninas matriculadas no ensino médio. Estes dados mostram que as mulheres estão cada vez mais acessando à escola e se escolarizando, ao passo que os jovens do sexo masculino abandonam a escola em maior proporção, em muitos casos ainda no ensino fundamental (CARVALHO et al, 2014).

### 6.2.3 Cor/Raça

Gráfico 5- Raça dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM

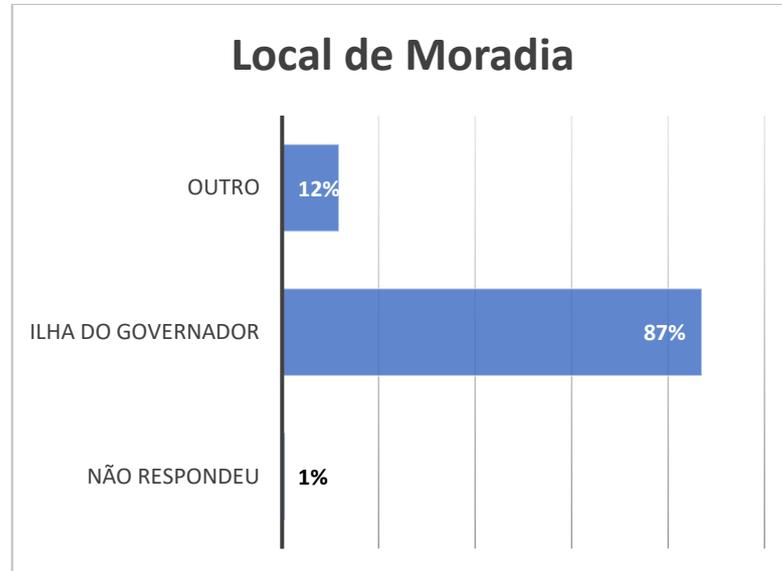


Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Através do gráfico conseguimos analisar que a grande maioria dos respondentes se autodeclarou negro, acompanhando a definição do IBGE, em que a população negra é a soma de pretos e pardos, somando um total de 58%. Sabemos que ainda existe uma desigualdade imensa entre os negros e brancos na nossa sociedade, sobretudo no que tange as questões relacionadas à educação. Mesmo a maioria sendo negra, o público branco ainda apresenta maiores taxas de conclusão de escolarização da educação básica. Em relação à frequência ao ensino médio, os dados mais recentes disponíveis em nível nacional apontam que em 2018 a taxa de frequência escolar líquida ao ensino médio foi 76,5% para as pessoas brancas de 15 a 17 anos, enquanto para as pessoas pretas ou pardas, 64,9% (IBGE, 2019).

### 6.2.4 Local de Moradia

Gráfico 6- Local de moradia dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM

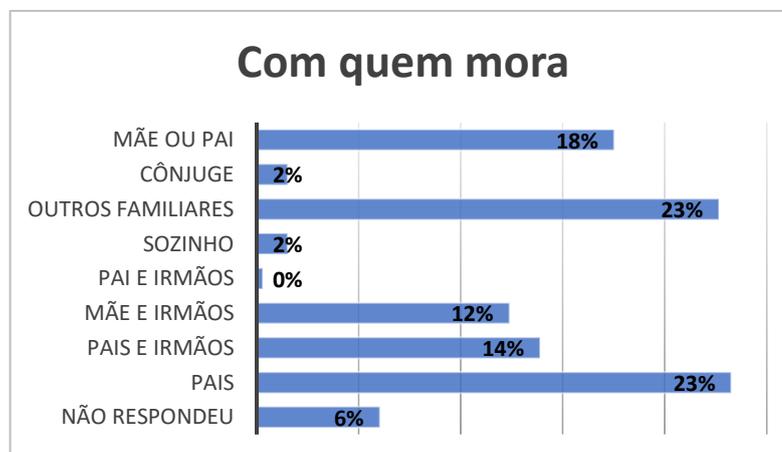


Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Pesquisamos também o local de moradia dos estudantes da escola que, em sua maioria, 87% moram no bairro da Ilha do Governador, o que nos faz crer que os alunos não perdem tanto tempo no que diz respeito ao deslocamento casa/escola ou vice-versa. Os alunos que responderam “Outros”, somando um total de 12%, também moram em bairros adjacentes à Ilha do Governador, como Ramos, Maré, Vila do Pinheiro, Penha.

### 6.2.5 Com quem mora

Gráfico 7- Com quem alunos estudantes do 3º ano do CEMM moram.

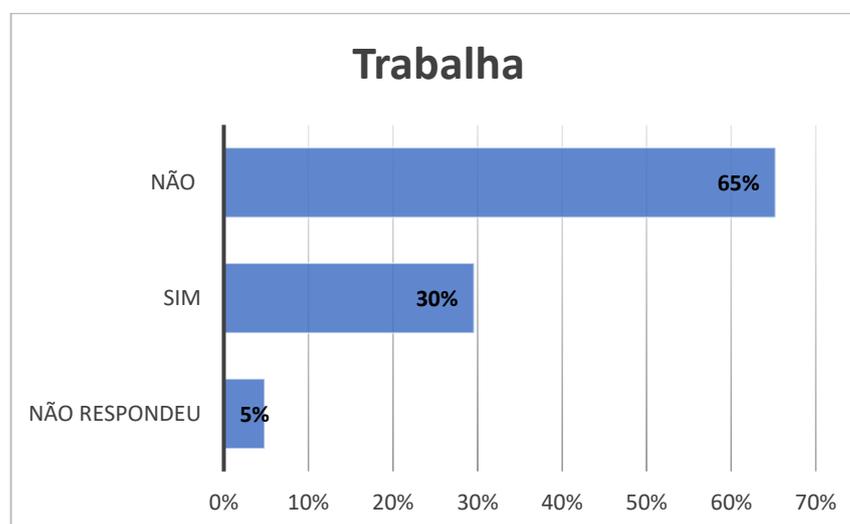


Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Percebemos que os alunos do colégio moram, em sua grande maioria, com os familiares (64%), o que nos leva a crer que essa juventude possui laços/vínculos de sociabilidade com seus familiares, uma vez que uma forma de buscar a independência para o público juvenil é a saída da casa dos pais, marcando a transição para a vida adulta. Este resultado confirma dados atuais de que a juventude está cada dia mais adiando a saída da casa dos pais/familiares, por alguns fatores, como, por exemplo, maior escolarização, falta de oportunidade no mercado de trabalho

### 6.2.6 Situação de trabalho

Gráfico 8- Situação de trabalho dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM.



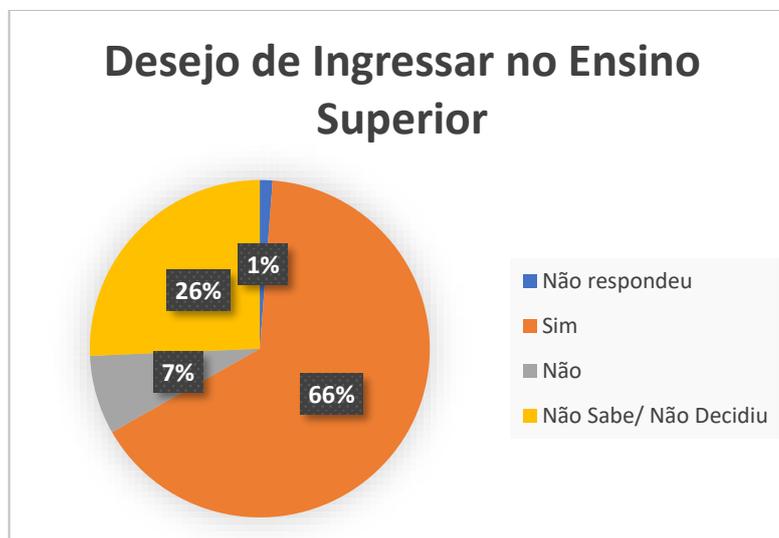
Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Como vemos no gráfico, os jovens do Mendes, em sua maioria (65%) não trabalham. A relação deles com o mundo do trabalho se torna um vínculo de desigualdade, pois para muitos o trabalho é marcado como primeira experiência no início da juventude. Para outros, o desejo de trabalhar e a preocupação com o futuro profissional já se manifestam de maneira expressiva. Muitos precisam trabalhar para financiar o lazer e adquirir itens de consumo, outros ajudam nas despesas de casa.

Após a questão do trabalho, que gerou o gráfico acima, a pergunta que segue é sobre o turno em que os alunos estudam com três opções de resposta: Manhã, Tarde e Noite, porém a escola só oferece o terceiro ano do ensino médio em dois turnos: Manhã e Noite, sendo 9 turmas oferecidas no período matutino e 3 no período vespertino, o que não ficava tão expressivo para ser representado em um gráfico, pois a maioria dos alunos estudam pela manhã, até pela quantidade de oferta de turmas no período.

### 6.2.7 Desejo de Ingressar no Ensino Superior

Gráfico 9- Desejo de ingressar no Ensino Superior dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM.



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Conseguimos analisar que a grande maioria dos jovens da escola aqui estudada tem desejo de ingressar no ensino superior, porém sabemos que o acesso ao ensino superior é desigual, ainda mais quando se trata da parcela da juventude mais pobre (HERINGER, 2014). Mesmo com políticas públicas voltadas para essa população, criadas nos governos do PT, como as cotas, ainda é um grande desafio a permanência destes jovens no ensino superior. Muitos destes sujeitos não conseguem ingressar em instituições públicas de ensino, devido a educação que recebem na escolarização básica, e acabam se matriculando no setor privado de ensino ou no ensino a distância.

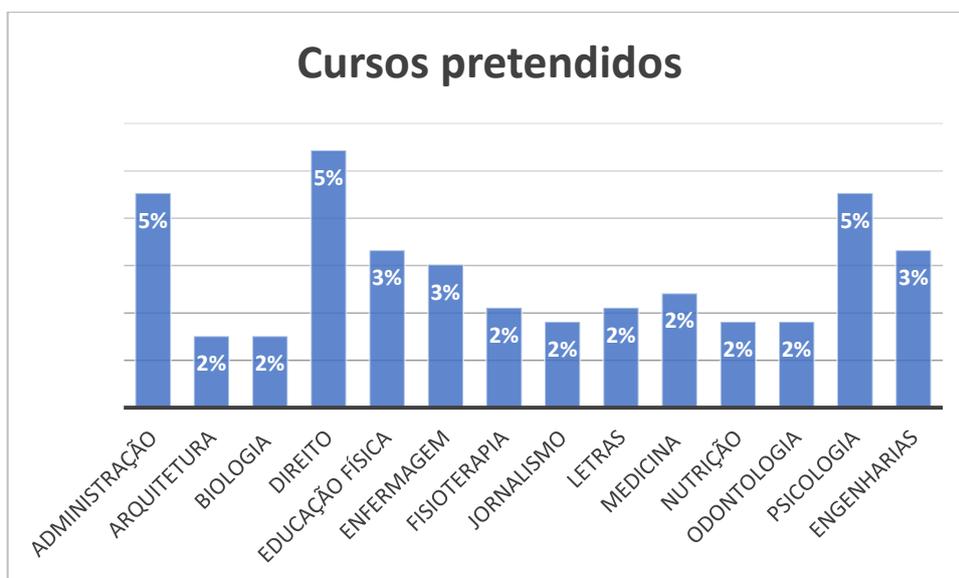
Em se tratando do ensino superior, o PNE em sua meta 12 estabelece “elevar a taxa bruta na educação superior para 50% e a taxa líquida para 33% da população de 18 a 24 anos, assegurando a qualidade da oferta”. Porém percebemos que no Mendes os alunos que frequentam o ensino médio têm um grau de distorção idade/série, o que já dificulta o alcance de tal meta. Mesmo com a significativa expansão do ensino superior no país, seja no setor privado ou no setor público, ainda resta um longo caminho a ser percorrido para que a meta proposta pelo PNE seja alcançada.

Também é importante destacar que um percentual relevante de 26% dos que responderam a pesquisa não sabem ou não decidiram se pretendem ingressar no ensino superior. Este dado revela a distância ainda presente entre a conclusão do ensino médio e a expectativa

de ingresso no ensino superior, especialmente entre estudantes de escola pública e de menor renda (HERINGER, 2013).

### 6.2.8 Cursos Pretendidos

Gráfico 10- Cursos pretendidos pelos alunos estudantes do 3º ano do CEMM.



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Em relação aos cursos pretendidos, como era uma pergunta aberta, os estudantes podiam escrever mais de um curso. Para analisar esta informação, optamos por escolher os cursos respondidos com mais frequência pelos alunos. Dessa forma apareceram diversos cursos, porém os mais expressivos, com mais de 5% alunos respondentes foram os que aparecem no gráfico. Tivemos um total de 45% estudantes que não responderam a essa pergunta.

Na ordem, os cursos que tiveram maior expressão de pretensão foram: Direito (18), Administração (15), Psicologia (15), Educação Física (11), Engenharias (11), Enfermagem (10), Fisioterapia(7), Letras (7), Jornalismo (6), Medicina (8), Nutrição (6), Odontologia (6), Arquitetura (5) e Biologia (5).

### 6.2.9 Inscreveu-se no ENEM/SISU 2018

Gráfico 11- Porcentagem dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM que se inscreveram no ENEM/SISU.



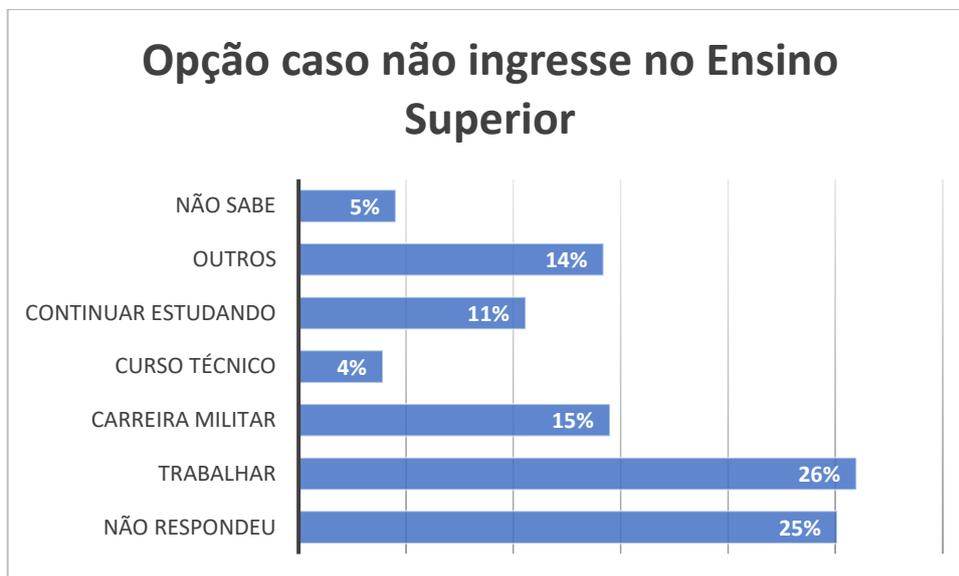
Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

É perceptível que a grande maioria dos alunos se inscreveram no ENEM/SISU 2018, uma vez que o exame se tornou uma das principais portas de entrada no ensino superior no Brasil. Com a implementação do Sistema de Seleção Unificada (SISU) a nota do ENEM pode ser utilizada como forma de ingresso em várias instituições de ensino superior no país, dando a possibilidade de estudantes de qualquer estado poder concorrer a vagas de qualquer região.

Observamos que a maioria dos estudantes declarou ter se inscrito para o ENEM 2019. Entretanto, um número também significativo de 28% declarou não ter se inscrito, levando à hipótese de que nem mesmo considerem esta possibilidade para seu futuro, ou ainda de que tenham outros planos e expectativas, como veremos a seguir.

### 6.2.10 Opção caso não ingresse no Ensino Superior

Gráfico 12- Opção caso os alunos estudantes do 3º ano do CEMM não ingressem no Ensino Superior.



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Como já falamos anteriormente, o trabalho ainda é visto como alternativa principal para a juventude da escola aqui estudada, pois através dele os jovens conseguem a tão sonhada independência financeira, dando significado a seus desejos, planos e ações. O trabalho tem impactos importantes nas trajetórias juvenis. Além disso, ele traz consigo significados ligados às experiências e aos planos futuros dos jovens.

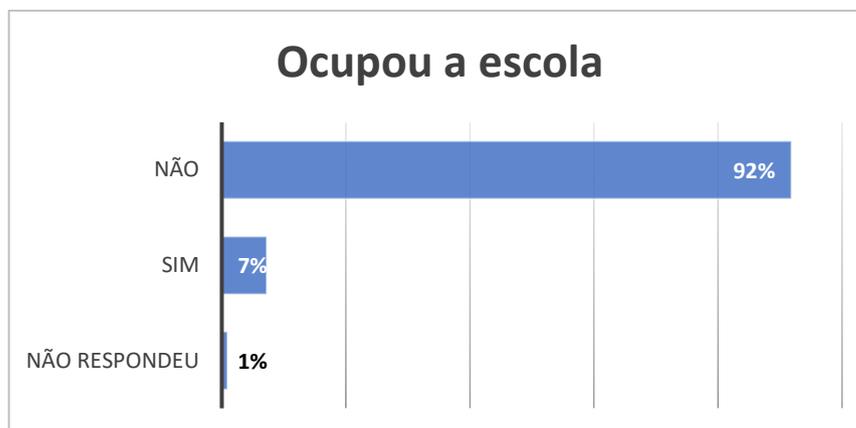
Por outro lado, podemos observar que 30% dos estudantes informaram que, caso não ingressem no ensino superior pretendem continuar estudando, fazer curso técnico ou ainda ingressar em carreira militar.

### 6.3 Participação e percepção dos estudantes pesquisados sobre a ocupação da escola em 2016

A maioria dos alunos que cursavam o 3º. Ano do ensino médio em 2018 declarou que não participou da ocupação em 2016, Logo, conseguimos analisar que uma minoria de alunos conseguiram ocupar a instituição estadual. Vale lembrar que houve grande resistência por parte da Secretaria de Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) e do diretor à época, contrários a esse tipo de manifestação. Além disso, também houve manifestações contrárias por parte dos alunos denominados como movimento “DESOCUPA”, além de ações truculentas da polícia militar do estado do Rio de Janeiro. Mesmo assim a escola permaneceu ocupada por

quase dois meses no ano de 2016. Esses dados revelam a importância de movimentos políticos, sociais e culturais no âmbito escolar, uma vez que a escola é um espaço democrático e deve ser pensada junto aos jovens e todo o seu corpo de funcionários.

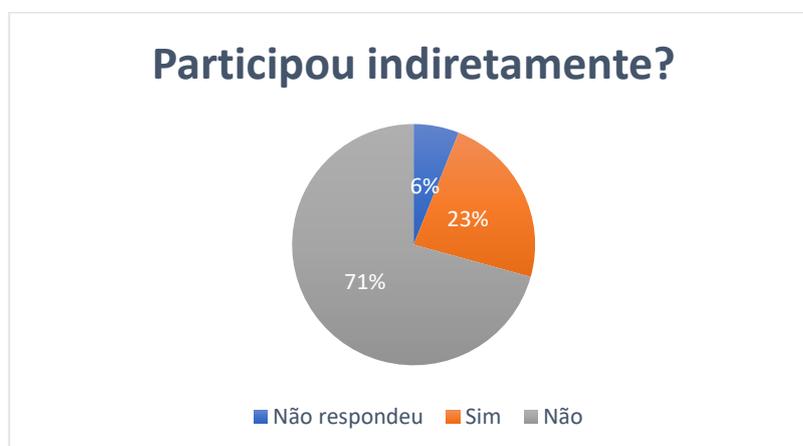
Gráfico 13- Os alunos estudantes do 3º ano do CEMM que ocuparam ou não a escola.



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Optamos por perguntar também se os estudantes participaram de forma indireta da ocupação. Optamos por fazer essa pergunta porque existiam alunos que por diversos motivos, não podiam ocupar fisicamente a escola, porém eram a favor do movimento e participavam de outras formas, tendo em vista que muitos jovens eram menores de idade e seus responsáveis não concordavam com a ideia de um estudante permanecer 24h na instituição. Através do gráfico conseguimos visualizar, que existiu uma porcentagem um pouco maior (23%) de jovens que se envolveram com o movimento indiretamente, sendo também uma forma de participação política, social e cultural da juventude contemporânea.

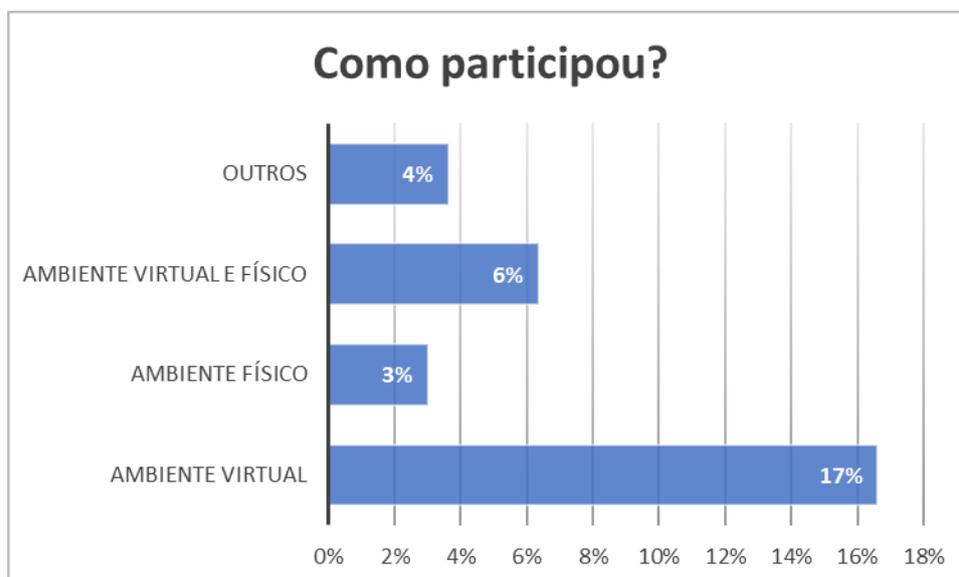
Gráfico 14- Percentual dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM que participaram indiretamente das ocupações.



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Em seguida perguntamos aos jovens pesquisados de que forma haviam participado da ocupação, isto, se tinham se envolvido de forma física, virtual ou ambas. As respostas a esta questão encontram-se no Gráfico:

Gráfico 15- Como os alunos estudantes do 3º ano do CEMM participaram das ocupações.



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Essa pergunta permitia mais de uma resposta, ou seja, tínhamos as seguintes opções de resposta: divulgando o movimento em redes sociais via facebook e twitter, participando de reuniões, filmando e editando vídeos, organizando oficinas, cozinhando/alimentação, limpando e organizando o espaço físico da escola, atuando como representante direto para falar com outros órgãos, organizando passeatas, confeccionando cartazes e outros. Para a realização do gráfico, preferimos agrupar essas opções da seguinte forma:

- a)** outros, para os estudantes que participaram de atividades que não havia opção de resposta no questionário;
- b)** ambiente virtual e físico, para os alunos que participavam tanto pelas redes sociais, como em atividades na escola;
- c)** ambiente físico, estudantes que participavam de atividades dentro da escola;
- d)** ambiente virtual, os estudantes que só participaram via redes sociais.

Esses dados mostram a importância da cultura digital na vida da atual juventude, pois assim conseguem atingir proporções muito maiores de sujeitos para colaborarem com as causas do movimento. Sabemos que a atual geração de jovens já nasce conectada a era digital e que os movimentos sociais contemporâneos ganham força através dessas redes.

Seguindo a ordem apresentada no questionário, temos a pergunta **13: O movimento de ocupação teve que tipo de impacto na sua vida?** Essa pergunta era aberta e os alunos tinham 2 linhas para responder. Com essa pergunta, gostaríamos de analisar a percepção dos alunos em relação ao efeito do movimento de ocupação para a vida dos mesmos. Agrupamos as respostas dos alunos em relação ao movimento como **“Impacto Positivo”**, **“Impacto Negativo”**, alunos que ficaram **Indiferentes** e outros que **Não Responderam**.

Organizamos as respostas referentes ao impacto positivo nas seguintes categorias:

### Positivo

Tabela 1

Tipos de impactos positivos	Número de respostas
Melhoria para a escola	6
Sensibilização para a luta por direitos	14
“Abriu os meus olhos”	10
Fortalecimento da capacidade de luta	5
Experiência transformadora	5
Positivo com reservas	18
Outros	27

Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Dentro de cada uma das opções acima foram agrupadas as respostas individuais, de acordo com a afinidade entre as afirmações. Apresentamos a seguir as respostas contidas dentro de cada uma das opções que se encontram na tabela.

- a) Melhoria para a escola:** Tivemos uma quantidade de 6 respostas que acreditaram que a ocupação trouxe melhorias para a escola. Destaco essas duas respostas: *“abri a mente para enxergar que devemos buscar sempre a melhoria de condições da instituição Mendes de Moraes”*; *“pra mim foi uma grande melhoria para a escola. Nosso grêmio está de parabéns.”*
- b) Sensibilização para a luta por direitos:** 14 respondentes acreditaram que a partir do movimento de ocupação foi despertado nos mesmos uma sensibilização para a luta por direitos. O que nos faz acreditar que um movimento político, social e cultural, mesmo que não sendo feito pela maioria, de alguma forma envolve os seus participantes no que diz respeito à luta pelos direitos. Ainda mais quando se trata da população juvenil. Destaco essas respostas que ilustram essa sensibilização: *“mostrou que nós jovens podemos sim reivindicar por melhorias na escola, e que temos bastante conhecimento dos conceitos políticos”*; *me incentivou a*

*reivindicar meus direitos, principalmente estudantis”; “de que somos capazes de conseguir o que queremos”; “foi os alunos correndo atrás dos seus direitos, isso é algo inspirador e motivador para todos nós correremos atrás dos nossos direitos”; sim, me mostrou que a luta pelos seus direitos é uma causa justa”; eu nunca tinha visto pessoas lutarem pelos seus direitos e, levando para o lado pessoal, me mostrou que não precisamos aceitar toda a preocupação que nos impõem”; “foi triste ver o estado a que a educação no Brasil chegou, ainda mais estadual”; “foi bom por a gente ter mostrado do que somos capazes; aprendi a cuidar da escola, conversar com pessoas que lutam pelo mesmo objetivo”.*

**c) “Abriu meus olhos”:** 10 respondentes acreditaram que o movimento de ocupação ampliou a visão, ou seja, conscientizou os estudantes diante de vários assuntos relacionados à educação. Destaco algumas respostas que confirmam essa visão mais ampliada dos estudantes: *“com certeza abriu meus olhos para muita coisa errada no sistema”; “Conscientização política, respeito pelo corpo docente e direção, analisar determinadas situações de outras formas”; “abriu a minha visão política”; “a ocupação me informou e ensinou muito sobre a minha própria vivência em sociedade”; “ao perceber que o nosso país não ajuda em nossa educação”; “maturidade e uma visão daquilo que não é mostrado”; “uma visão de responsabilidade para com os alunos”; “me mostrou que a realidade de uma escola vai além da sala de aula”; “com ele percebi como o estado da nossa escola estava crítica (na verdade ainda está, tem muito o que melhorar ainda)”.*

**d) Fortalecimento da capacidade de luta:** 5 respondentes conseguiram perceber e relacionar a importância da luta coletiva para assegurar os direitos garantidos pela Constituição. Destaco as respostas: *“mostrou o lado da força que temos se nos unirmos para um bem maior”; “por meio dela pude obter maior visibilidade de que o estudante tem sim voz para se posicionar”; “mostrou que os alunos tem voz e quando necessário desejam mudanças para melhor”; “perceber que juntos somos mais fortes e que podemos lutar pelo o que é direito nosso e que as dificuldades fazem parte da luta mas nada que não possa superar”; “ver aquela atenção que as escolas estavam recebendo e sendo ouvidas foi muito bom”.*

**e) Experiência transformadora:** 5 estudantes perceberam o movimento como uma experiência que transformou a vida dos mesmos. Seguem as respostas: *“no começo foi algo novo, uma sensação incrível, que nunca tinha conhecido, e abriu mais um pouco a forma de pensar”; “para mim foi uma revolução, eu gostei muito pois eles lutaram pelo direito de todos”; “euforia por ser meu primeiro ano de escola, foi um movimento um tanto surpresa”; “Um impacto muito grande, foi um espaço de aprendizado político enorme; “Mudou minha vida. teve um impacto de acordar para a realidade em que eu vivia”.*

**f) Positivo com reservas:** Conseguimos encontrar 18 respondentes que acreditaram que é necessário a luta por direitos, porém com algumas ressalvas. Destaco algumas respostas que exemplificam: *“acabou atrasando o ano letivo, mas acredito que houveram algumas melhorias na escola”*; *“Por um lado, o ano letivo foi prejudicado. Entretanto, trouxe melhorias ao meu colégio”*; *“Bom, de certa forma prejudicou na parte dos estudos, porém, me fez entender que devemos lutar pelos nossos direitos”*; *“prejudicou no nosso primeiro ano no Mendes, mas foi por uma boa causa que não surtiu efeito; por um lado, foi ruim porque atrapalhou o ano letivo de 2016, mas entendo que foi com o objetivo de melhorar a escola”*; *“Achei válido o movimento e seus propósitos, mas ficamos muito tempo sem aula, o que nos prejudicou um pouco, pois muita das matérias foi simplesmente jogada para nós”*; *“fui bastante prejudicada, mas me fez perceber que nós estudantes temos direitos como qualquer um”*; *“achei interessante e um ato de coragem de quem estava aqui na escola, mas ao meu ver deveria ter existido outra forma de alcançar as melhorias”*; *“Como vimos, teve um impacto muito grande nas outras escolas estaduais, ocorreram mudanças, foi relevante. Porém prejudicou muito os estudos”*; *“me mostrou que tem que lutar pelo o que quer, porém não devemos continuar quando atrapalha o próximo”*.

**g) Outros:** 27 respondentes se encaixam nessa categoria, pois mostram outras visões do movimento de ocupação, por isso os agrupamos nessa categoria. Destaco exemplos: *“desespero, não sabia o que fazer, gostaria de ter participado ou se pudesse voltaria no tempo”*; *“depois da ocupação com a reposição das aulas nos sábados ficou meio difícil de comparecer a todas as reposições”*; *“passei fácil no primeiro ano; facilitou a passagem de ano; facilitou minha aprovação no segundo ano”*; *“fiquei um pouco preocupada se a ocupação traria benefícios, pois ficamos um bom tempo sem aula”*; *“na escola, mesmo sem eu ter tirado notas ruins, eu acredito que nesse ano, poderia ser mais produtivo”*; *“estava no segundo ano de 2016, acabei ficando sem estudar, portanto parei de estudar e só em 2017 eu voltei e fiz o segundo ano”*; *“eu não estudava no Mendes ainda...”*; *“eu não estudava no mendes”*; *“me arrasou legal”*; *“desocupa”*; *“férias”*.

Em relação aos que consideraram o movimento negativo, temos a seguinte categorização:

Tabela 2

Tipos de impactos negativos	Número de respostas
Atraso/reposição das aulas	101
O movimento foi inútil	15
Piorou a qualidade da escola	6
Total	122

Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Da mesma forma que em relação às respostas sobre os fatores positivos, listamos abaixo as respostas textuais contidas em cada uma das opções agrupadas na tabela.

**a) Atraso e reposição das aulas:** é perceptível que a grande maioria dos respondentes que se referem ao movimento como negativo, sentiu o impacto em relação ao atraso e a reposição das aulas, somando um total de 101 respondentes. Esses alunos não conseguiam entender que existiam outros formatos de aula nas ocupações como oficinas, aulas no pátio, estavam muito acostumados com o modelo tradicional de aula. Destaco as seguintes respostas: *“prejudicou as aulas que não foram completamente repostas”*; *“perda de inúmeras aulas”*; *atraso no ano letivo causando grandes deficiências em algumas matérias que ainda me prejudicam muito mesmo depois de dois anos*; *“O impacto foi que não tive conteúdo suficiente no 1º ano, e por causa disso, tenho dificuldades no aprendizado. E fomos aprovados, a base de trabalhos, mas infelizmente sem aprendizagem”*; *“Parei de ter aulas e tive que me esforçar 3 vezes mais para passar de ano”*; *“negativo, pois pelo tempo que ficamos sem aula prejudicou muitos alunos”*; *“fez com que eu não entendesse algumas matérias”*; *perda de conteúdo importantes*; *teve um impacto negativo, porque atrapalhou muito os meus estudos e não teve nenhuma melhora na escola*; *“atrapalhou o andamento do conteúdo escolar, atrasando a minha vida; “atraso, pois já não tínhamos uma carga horária escolar decrescente e quando iniciou esse lixo de ocupação tudo piorou”*.

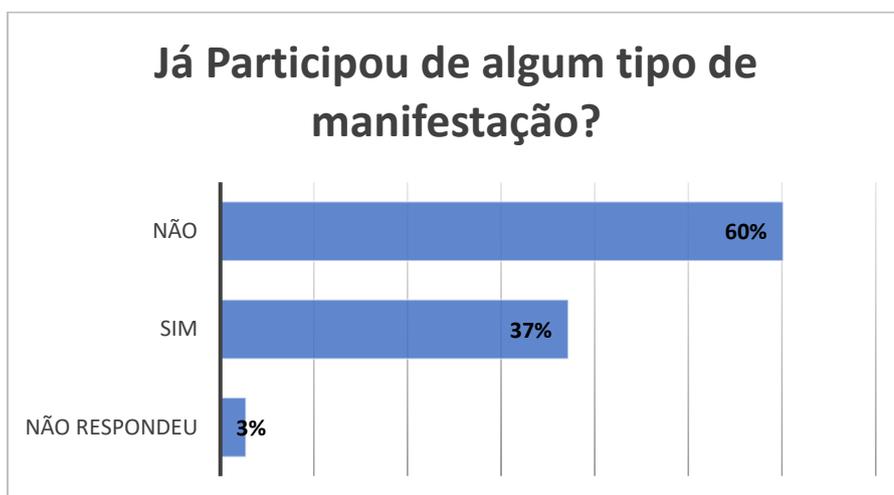
**b) O movimento foi inútil:** 15 respondentes acreditaram que o movimento foi inútil, ou seja, não deveria ter ocorrido. Destaco algumas respostas: *“nenhum, foi uma bagunça”*; *não, foi tão inútil que nem isso causou*; *“nenhum, só impedimento para estudar”*; *“nenhum prejudicou meus estudos durante 3 meses”*; *nenhum, não apoio, mesmo que devemos ir atrás dos nossos direitos, nesse teve baderna e gente sem o que fazer*; *achei injusto não queria ocupar quem queria estudar de verdade*. *“nenhuma, só perda de tempo”*; *“nada de útil, ainda atrasou meus estudos e não ocorreu nenhuma mudança boa”*.

c) **Piorou a qualidade da escola:** 6 respondentes acreditaram que a escola ficou pior após o movimento de ocupação. Destaco algumas respostas: *“o ensino não está muito bom, depois da ocupação piorou”*; *“Atraso. A verdade seja dita, após a ocupação, o colégio piorou muito”*; *Vandalismo, desrespeito, falta de aulas, viraram rotina”*; *“dificultou o aprendizado, já que não houve reposição das aulas”*.

No que se refere aos que consideraram o impacto indiferente, tivemos um número de 39 pessoas e 85 estudantes não responderam à pergunta.

Perguntamos também aos estudantes pesquisados se já haviam participado de algum tipo de manifestação, seguem abaixo as respostas.

Gráfico 16- Percentual dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM que já participaram de algum tipo de manifestação.



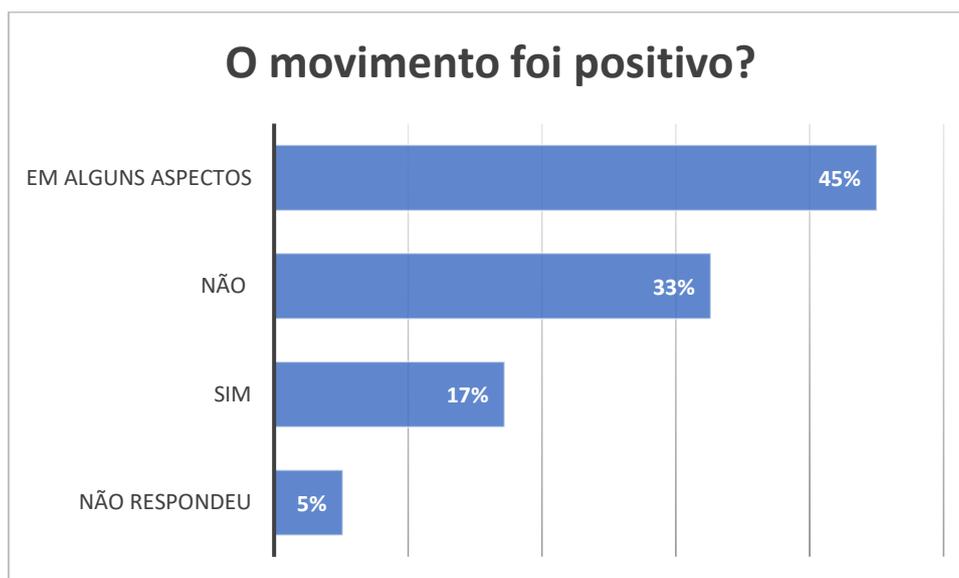
Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Os dados acima revelam que a juventude da escola em análise corrobora com o estereótipo do senso comum que encara a juventude como desmobilizada politicamente. No entanto, existiu uma parcela de 37% de alunos da escola que se mostrou atuante no que se refere à política nacional, seja por uso maciço da internet, seja pelas redes sociais, seja ocupando a escola ou as ruas. Sendo assim, uma parcela da juventude estudada busca se engajar politicamente, mesmo que não seja de uma maneira “institucionalizada”.

Nesse contexto, nas manifestações populares que ocorreram no Brasil nos últimos anos, uma grande quantidade de participantes era de jovens, mesmo que nem todos estivessem em prol das mesmas pautas/interesses. Os protestos/manifestações serviram e servem para mostrar a capacidade de organização dos jovens, muito por conta da internet, por meio das redes sociais.

Perguntamos também se os jovens eram ou foram integrantes de algum partido político. Não elaboramos gráfico porque a maioria dos alunos não faziam parte de partido político, logo não seria expressivo para questão de análise.

Gráfico 17- Percentual dos alunos estudantes do 3º ano do CEMM que consideraram o movimento positivo ou não.



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Conseguimos perceber com essa pergunta que a grande maioria 45% acredita que em alguns aspectos o movimento foi positivo, também conseguimos agrupar as respostas da seguinte maneira:

**Tabela 4**

O movimento de ocupação foi positivo?	Número de respostas
Positivo	36
Negativo	69
Em alguns aspectos (positivo com reservas)	97
Não responderam	129

Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Apresentamos a seguir os conteúdos das respostas tal como foram agrupadas segundo as opções descritas na tabela.

**a) Respondeu Sim:** Os respondentes que acharam o movimento positivo somam um total de 36. Destaco algumas respostas: *“lutamos pelo nosso direitos”*; *“sim, porque mostrou para todos*

*que os alunos sabem o que está acontecendo e por isso corremos atrás dos nossos direitos”; “porque resolveu muitos problemas na escola”; “houveram muitas mudanças positivas”; “apesar de não ter muitas mudanças, os ocupantes mostraram força e que tem sim que lutar pelos direitos pois a escola é nossa!”; “fiz muitas pessoas acordarem para os problemas que temos na sociedade”; “porque quando o Estado não fez nada a respeito do que estava acontecendo os alunos fizeram”; “porque estava lutando por um direito nosso”; “pois conseguimos algumas coisas que não havia na escola há tempo”; “gerou de certa forma um pensamento que a escola é feita por alunos, não secretários ou diretores”; “pois chamou atenção das pessoas sobre o sistema escolar”; “em sua grande maioria, aprendizado social. Depois da ocupação, a união e força para lutar aumentou”; “conquistas representadas por estudantes, movimento horizontal, organização positiva”; “porque teve como finalidade a melhoria de gestão, da direção, a conservação da escola, entre outros”; “nos trouxe melhorias e voz”; “ele significou uma participação dos alunos na própria escola. Uma interação maior e positiva”; “porque por meio desse movimento, os problemas presentes na escola obtiveram maior visibilidade”; “para mostrar que os alunos também tem direito de protestar e deve fazê-lo quando necessário”; “porque embora não teve muito ganho no colégio em si foi uma luta nacional que teve muita força e um grande impacto político”; “abriu a mente dos alunos que a comodidade não é algo viável”; “o movimento de ocupação mostrou para todos que além de força os estudantes existem e não aceitam menos do que devem”.*

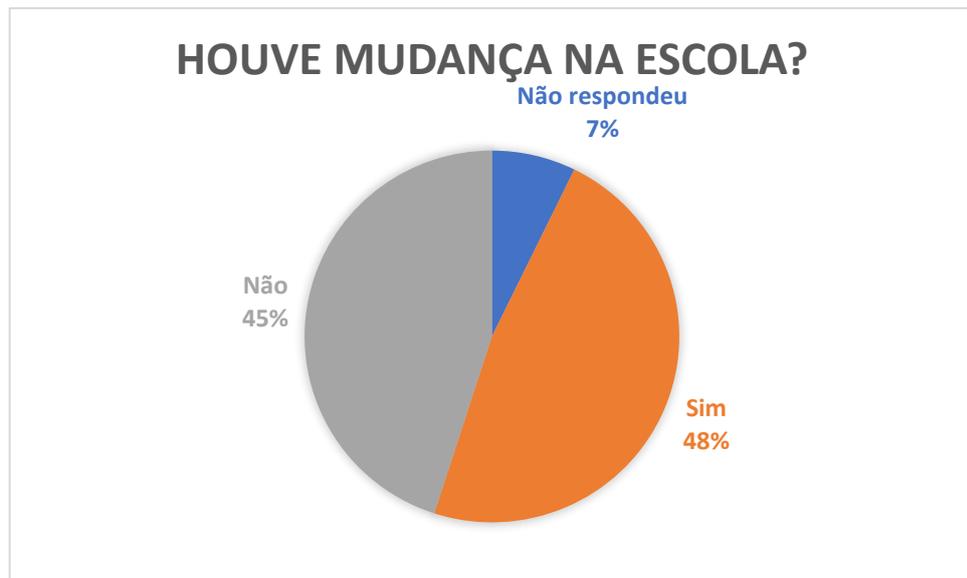
**b) Respondeu Não:** Os estudantes que acharam o movimento negativo soma um total de 69. Destaco algumas respostas: *“não mudou a escola em nada só piorou os comportamentos de muitos”; “não mudou absolutamente nada”; “perda de aulas”; “foi um movimento muito desorganizado e só os ocupantes queriam ter o poder de decisão em tudo”; “sinto que foi um bom período perdido”; “não vi mudança em 2016”; “só prejudicou o colégio agora foi de mal a piorando”; “muita coisa não foi mudada, o calendário escolar não foi cumprido”; “não era um movimento sério, destruíram a escola e prejudicaram muitos alunos e não mudaram nada”; “porque os alunos e professores que quiseram a aula não tiveram a oportunidade”; “eles só fizeram isso para baderna e ganhar dias para passar no Enem e pegar dinheiro da escola, causando só distúrbio”; “o colégio ficou mais bagunçado, sem organização”; “o colégio se tornou mais largado alunos fazendo o que querem sem nenhuma regra”; “acho que foram um monte desocupados”; “porque os alunos se aproveitaram disso para fazer “baderna” na escola, e acabou resultando em termos que passar praticamente automático”; “porque é contra a lei impedir os alunos de estudar”; “sou de direita, e como deve imaginar sou total*

*contrário”; “pois não foi uma ocupação civilizada”; “pois foi mais aclamado que útil”; “porque só tinha desocupados na ocupação e fizeram churrascão e várias putarias na escola”.*

**c) Respondeu Em alguns aspectos:** tivemos um número de 97 alunos que acreditaram que o movimento foi positivo, porém em alguns aspectos. Se analisarmos a pergunta 13 do questionário, mais relacionada a vida do estudante, o número de estudantes que respondeu positivo com reservas, foi bem menos expressivo, do que quando perguntamos se o movimento foi positivo. Isso nos faz crer que existe uma probabilidade do estudante quando tratado na singularidade acreditar que para a vida dele o movimento não teve tanto impacto, mas quando pensa no coletivo, ou seja, na luta pela educação do país, conseguem perceber que, de alguma maneira, o movimento foi importante. Destaco algumas respostas: *“porque mostrou que o estudante tem voz ativa”; “pois o Mendes de Moraes foi uma das primeiras escolas ocupadas e inspiraram muita gente a tentar mudar as coisas toda forma de manifestação que traz aspectos positivos é boa”; “houve melhoria nos ar-condicionado, carteiras e alimentos”; “porque toda forma de conscientização popular é válida”; “porque eles reivindicavam melhorias para a escola”; “porque era por uma boa causa, porém atrasou o ano letivo dos alunos”; “remoção da diretora”; “por um lado melhorou em algumas coisas, pelo outro perdemos aulas”; “porque lutaram pelo futuro da escola”; “as reivindicações eram positivas, mas fugiu um pouco do controle”; “prejudicou um pouco nos estudos, mas de certa forma conseguimos reivindicar nossos direitos”; “porque só assim que o governo nos escuta”.*

Em relação à pergunta sobre a questão das mudanças na escola, conseguimos perceber através do gráfico, que as respostas ficaram bem divididas, pois 48% de alunos responderam que sim, e 45% responderam que não, o que nos leva a acreditar que o movimento de ocupação deixou os alunos bem divididos.

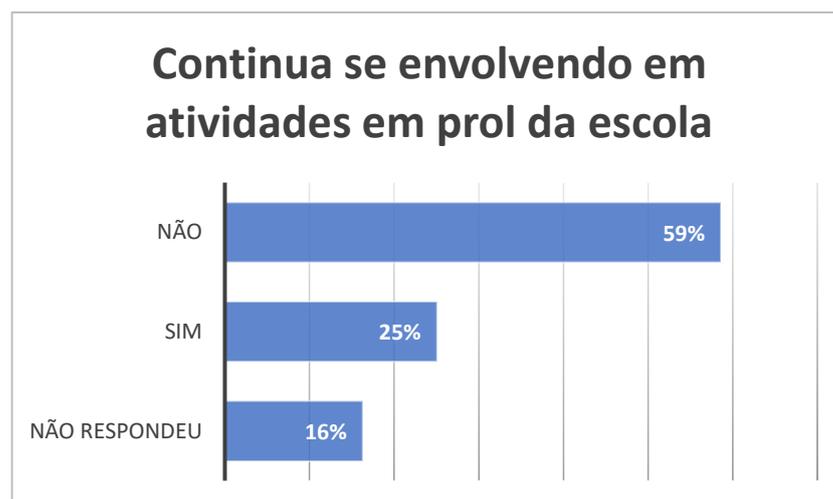
Gráfico 18- Houve mudança na escola após o movimento de ocupação



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Conseguimos perceber que, após o movimento de ocupação, a grande maioria dos alunos não se envolveu em atividades buscando a melhoria para a escola, porém os alunos que continuam participando, um total de 25%, responderam qual eram as atividades que ainda se envolviam, como veremos a seguir.

Gráfico 19- Os alunos estudantes do 3º ano do CEMM continuam se envolvendo em atividades em prol da escola.



Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Para os alunos que declararam continuar se envolvendo em atividades em prol da escola, perguntamos em que atividades participavam, e identificamos as respostas a seguir.

Tabela 5

Continua se envolvendo em atividades em prol da escola?	Número de respostas
Participação em manifestações e movimentos sociais	36
Formação social/intelectual	1
Infraestrutura do colégio	12
Outros	5

Fonte: elaboração própria a partir da pesquisa de campo realizada no CEMM em 2018.

Apresentamos abaixo os trechos de respostas que correspondem às opções apresentadas na tabela.

**a) Participação em manifestações e movimentos sociais:** Foram 36 respondentes que continuavam se envolvendo em assuntos relacionados à melhoria da escola. Destaco algumas respostas: *“Manifestações e passeatas”*; *“recentemente fizemos uma passeata”*; *“Manifestações e Assembleias”*; *“Manifestações e Reuniões”*; *“Protesto”*; *“Reuniões e Manifestações”*; *“Participando de manifestações, visando melhorias para o colégio”*; *“Manifestações, assembleias etc”*; *“Passeatas, Reuniões”*; *“Assembleias”*; *“Reuniões e Manifestações”*; *“Manifestações sobre educação”*.

**b) Formação social/intelectual:** teve 1 respondente. Segue a resposta: *“Reuniões pedagógicas e atividades voltadas pra informações que o currículo mínimo não nos dá como feminismo”*.

**c) Infraestrutura do colégio:** tivemos 12 respondentes. Destaco as respostas: *“Falta de segurança, escassez de funcionários, mais tempos de aula, uma direção responsável”*; *“Movimento para inspetores e segurança”*; *“melhoras nas estruturas físicas e pedagógicas”*; *“os ar-condicionado, por exemplo; melhorias nas condições das aulas”*; *“falta de professores”*; *“Turnos completos”*; *“Relacionado a melhorias no colégio”*, *“Manifestações em prol do colégio; para melhoria em relação a organização do colégio”*; *“Melhorias no colégio para o próximo que vinher”*; *“Participando de manifestações e sempre querendo melhorias”*.

**d) Outros:** foram 5 respondentes. Destaco as respostas: *“Problemas não solucionados em 2016”*; *“Organização de Assembleias e Debates”*; *“Troca de livros e semana de arte”*; *“Projetos ecológicos”*; *“Recentemente conseguimos tirar uma das diretoras”*; *“flamendes”*.

A apresentamos neste capítulo as análises mostrando o perfil dos estudantes do Mendes de Moraes dialogando com os dados gerais da educação brasileira, sobretudo da rede pública de ensino, uma vez que o fenômeno das Ocupações refinou o nosso olhar para o ensino médio e os jovens que ali estão inseridos. No próximo capítulo, tecemos algumas considerações avaliando as questões estudadas neste trabalho.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, partimos de algumas discussões em relação ao público juvenil, investigando a juventude como geração, como uma condição histórico-social e como um grupo caracterizado pelas suas múltiplas culturas juvenis. Refletimos sobre a condição juvenil para buscar entender a participação dos jovens no Movimento de Ocupação, ocorrido nas escolas públicas e em universidades em todo o país, com foco no Rio de Janeiro, através do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes.

Deste modo, analisamos a instituição escolar, sobretudo o ensino médio, que se tornou obrigatório recentemente, a partir da Emenda Constitucional n. 59, em 2009, incorporada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), para compreendermos esta modalidade de ensino, que recebe jovens diversos e seus principais desafios, uma vez que a escola é uma esfera importante de socialização desse indivíduo que caminha para a fase adulta.

A partir das reflexões sobre a instituição escolar, destacamos que, nas últimas duas décadas, foram implementadas novas políticas e reformas voltadas para a educação básica. Em se tratando do ensino médio, percebemos que ao longo das últimas décadas o ensino médio tem buscado redefinir sua própria identidade. Além disso, identificamos também que essa etapa da educação básica vem sofrendo com uma precarização em relação à qualidade do ensino.

De modo geral, apresentamos um panorama das reformas e políticas que esse nível de ensino apresenta, destacando a responsabilidade do Estado de cumprir seu dever de assegurar o acesso a essa etapa obrigatória da educação, sobretudo aos jovens mais vulneráveis.

Dentre os desafios direcionados a esse nível de ensino, percebemos que, a partir do Governo de Michel Temer, tem-se a Reforma do Ensino Médio aprovada inicialmente pela Medida Provisória n.746, de 22 de setembro de 2017, e posteriormente transformada na Lei nº 13415/2017. Através dessa reforma uma parcela da população, inclusive os estudantes, ficou descontente, desencadeando o movimento de ocupação. Além disso, durante o governo Temer foi aprovada a assim chamada “PEC do fim do mundo”, que congela os gastos públicos em educação por 20 anos, contribuindo assim para alimentar as preocupações e manifestações em 2016.

Nesse contexto, também ganhou destaque o projeto de lei n. 193/2016 denominado de “Escola sem partido” (ESP), de autoria do senador pelo estado do Espírito Santo, Magno Pereira Malta, do Partido da República, que explicita uma série de restrições ao ofício docente, negando o princípio da autonomia didática consagrado nas normas de funcionamento do ensino.

Dentre os diversos desafios que atravessam o ensino médio, apontamos os referentes ao conteúdo a ser ensinado, à formação e remuneração dos professores, às condições de infraestrutura e gestão escolar e os investimentos públicos destinados à educação básica.

Em relação aos professores é necessário pensar em uma formação mais adequada, atuando em uma única escola, criando assim mais vínculo e pertencimento com a instituição, um plano de carreira mais elaborado e uma melhoria nos salários. No que se refere à infraestrutura, é preciso que a escola seja um local com condições materiais adequadas, ou seja, espaço, laboratórios, bibliotecas, atividades de arte, esporte e cultura. Outro desafio é a questão da gestão das instituições, que adequando seus projetos pedagógicos partindo dos sujeitos reais, concretos, com sua cultura, saberes, preconceitos, raivas, revolta e potencialidades, pode transformar a escola em um local menos desigual, aumentando assim o interesse dos jovens que estão inseridos nesse espaço. Cabe também à gestão, repensar as Avaliações Externas, que têm o intuito de quantificar e melhorar a qualidade do ensino médio, uma vez que as instituições se diferem diante das mais possíveis desigualdades, não atentando para as especificidades necessárias.

Diante de todo esse cenário em torno da educação básica, inclusive o ensino médio, aprofundamos o nosso olhar para o estudante, um dos principais sujeitos envolvidos em todo esse processo, para pensar o que os levou a ocuparem as escolas e como o diálogo em redes é importante para os movimentos sociais contemporâneos, uma vez que as ocupações tomaram proporções a nível nacional. Ou seja, os estudantes entenderam que precisavam fazer algo para modificar o ensino tradicional, mas que para isso eles teriam que mostrar as suas vozes.

A partir das análises dos dados obtidos através do questionário, conseguimos perceber que o estudante que participou das ocupações no Colégio Estadual Prefeito de Moraes, objeto de análise dessa pesquisa, tanto diretamente, ocupando o espaço físico da escola, quanto indiretamente, via ambiente virtual, entendeu a questão da luta por direitos e percebeu o sentido da coletividade em prol de uma causa maior que é a educação, uma vez que eles conseguiram alterar de alguma forma aquele cenário, trazendo na sua perspectiva algumas melhorias para a escola. Além dessas especificidades, constatamos que os movimentos de ocupação tiveram pautas específicas, tendo em vista que sabemos das desigualdades existentes no cenário educacional, ou seja, cada instituição ocupada carecia de um olhar mais singular com suas pautas próprias.

Também conseguimos perceber que apenas uma minoria de alunos conseguiu ocupar a instituição e que os mesmos sofreram com muita resistência tanto por parte da direção, como por parte da Secretaria de Educação, órgão que deveria estar aberto ao diálogo com os alunos,

e do Estado através da Polícia Militar, que encarava os jovens como criminosos, delinquentes, baderneiros. Houve também uma resistência muito forte por parte dos alunos, o movimento “Desocupa”. A mídia mais tradicional, teve um fator importante na questão da desqualificação do movimento via TV.

É importante destacar que esse movimento foi de grande importância para olharmos para a juventude com mais atenção, lembrando que são sujeitos ativos e que tem voz, pois na maioria das vezes uma parcela da sociedade, está desacreditada desse público. Os alunos conseguiram algumas conquistas através desse movimento de ocupação ocorrido na escola, como a eleição direta para diretor, com a participação dos mesmos e o fim da avaliação externa denominada SAERJ.

A presente pesquisa demonstra que, do ponto de vista educacional, precisamos continuar atentos para os investimentos, reformas e políticas para a educação básica como um todo, principalmente, o ensino médio enquanto última etapa dessa escolarização, para que o mesmo alcance a meta do PNE de universalização e para que as políticas voltadas para o ensino médio avancem no sentido de melhorar a qualidade do ensino oferecido. Outro fator é uma educação menos desigual, pensando o currículo em diálogo com os sujeitos inseridos nesta etapa.

## 8. REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena. *Identidades juvenis: estudo, trabalho e conjugalidade em trajetórias reversíveis*. In: PINHEIRO, Diógenes...[et al](Org) *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças* Rio de Janeiro: Unirio, 2016. p.19-59.
- ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. *Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas*. Miriam Abramovay, Eliane Ribeiro Andrade, Luiz Carlos Gil Esteves (Org). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007. p.19-54.
- ALONSO, Angela. *Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução*. Sesc São Paulo/CEBRAP. São Paulo, 2016.
- ARROYO, Miguel. *Educação e exclusão da cidadania*. In: BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- Atlas da violência 2019*. / Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- AUGUSTO, M. *Retomada de um legado intelectual*. Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 17, n.2, p. 11-33, 2005.
- BRASIL. Constituição Federal de 1988. Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 versão atualizada.
- BRASIL. Plano Nacional de Educação 2014/2024.
- CARVALHO, Marília; SENKEVICS, Adriano; LOGES, Tatiana. *O sucesso escolar de meninas de camadas populares: qual o papel da socialização familiar?* *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 717-734, 2014.
- CATTANI, Antonio David. *Escolas Ocupadas/* Antonio David Cattani, organizador. -Porto Alegre: Cirkula, 2017
- CORTI, Ana Paula. *Juventude e diversidade no Ensino Médio*. In: *Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio*. Ministério da Educação. Ano XIX boletim 18 -Novembro/2009.
- DAYRELL, Juarez. *A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007 1105.
- FREITAS, Maria Virgínia de. *Jovens, escola democrática e proposta do “escola sem partido”*. In: *A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso / Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.)*. — São Paulo : Ação Educativa, 2016.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI*. In: *Revista Brasileira de Educação*. V.16. n. 46. Jan/abr 2011.

GOHN, Maria da Glória. Artigo: *Movimentos sociais na contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONDIM, Linda M. P. *Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013*. Polis, Revista Latinoamericana, Volumen 15, Nº 44, 2016, p. 357-379.

HERINGER, Rosana, 2013. *Expectativas de acesso ao ensino superior: um estudo de caso na Cidade de Deus, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Edição do Autor (e-book).

HERINGER, Rosana, 2014. *Um balanço de 10 anos de políticas de ação afirmativa no Brasil*. Tomo (UFS), v. 1, p. 13-29.

KRAWCZYK, Nora. *Reflexão Sobre Alguns Desafios Do Ensino Médio No Brasil Hoje*. Nora V.41 N.144 SET./DEZ. 2011 CADERNOS DE PESQUISA.

KRAWCZYK, Nora; Lombardi, José Claudinei (Orgs.). Vários Autores. *O golpe de 2016 e a educação no Brasil*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

\_\_\_\_\_, Nora. *Uma roda de conversa sobre os desafios do Ensino Médio*. In: *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo / Juarez Dayrell, Paulo Carrano, Carla Linhares Maia, organizadores*. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

LEITE, Miriam. *Ativismo político e juventude: catracas na escola e na cidade para os jovens mais jovens*. Estudo na Revista da FAEEBA Educação e Contemporaneidade v. 26, n. 49, 2017

LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. 2 ed. Rio de Janeiro: E. P. U., 2017.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Cidadania, ativismo e participação na internet: experiências brasileiras*. Comunicação e Sociedade, vol. 30, 2016, pp. 297 – 312.

MELO, Savana Diniz Gomes; DUARTE, Adriana. *Políticas para o ensino médio no Brasil: perspectivas para a universalização*. Cad. cedes, Campinas, vol. 31, n. 84, p. 231-251, maio-ago.

NARCISO, Pedro Felipe. *Escolas Ocupadas/ Antonio David Cattani, organizador*. -Porto Alegre: Cirkula, 2017

NETO, Octavio Amorim. *A crise política brasileira de 2015-2016 Diagnóstico, sequelas e profilaxia*. Relações Internacionais [online]. 2016, n.52, pp. 43-54.

PERONDI, Maurício. 37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC Florianópolis

PNAD Contínua 2018

PRADO, Ruth Maria Moraes Oliveira. *Motivações de ingresso e expectativas de futuro: o lugar da formação técnicas nas trajetórias dos alunos do IFMA Campus Maracanã.* / Ruth Maria Moraes Oliveira Prado. \_ São Luís: EDIFMA, 2019.

RIBEIRO, Eliane [et al] – Organizadores. *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças/* - Rio de Janeiro: Unirio, 2016.

ROJAS, M.V. Revolución Pingüina (Revolução dos Pinguins). In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e . Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

SAVIANI, Dermeval. *A crise política e o papel da educação na resistência ao golpe de 2016 no Brasil.* In: O golpe de 2016 e a educação no Brasil. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

Site: Observatório do PNE. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne/3-ensino-medio/indicadores>> Acesso em 29/03/2018

Site: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/01/28/governo-promete-mudancas-profundas-na-educacao> Acesso em 15/09/2019.

SPOSITO, M.P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escolano Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.* São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

SILVA, Andreia de Oliveira. Tese de Doutorado: Participação de estudantes do ensino médio de escolas públicas da região de caieiras/sp em movimentos e redes sociais campinas. 2016

TORO, Jose Bernardo; WERNECK, Nísia. Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VELHO, Gilberto. *O desafio da violência.* Estudos Avançados 14 (39), 2000.

WALDOW, Carmem. *As políticas educacionais do governo Dilma, a formação para o trabalho e a questão do PRONATEC: reflexões iniciais.* X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

ZIBAS, Dagmar M. L. “A Revolta dos Pingüins” e o novo pacto educacional chileno Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 38 maio/ago. 2008 203.

## 9. ANEXO



Universidade Federal  
do Rio de Janeiro

### Questionário:

#### #OCUPAMENDES: UMA (RE) CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO NO COLÉGIO ESTADUAL PREFEITO MENDES DE MORAES.

Pesquisadora responsável: Gabriela Alves dos Santos (Mestranda em Educação –  
PPGE/FE/UF RJ). Orientadora: Profª Rosana Rodrigues Heringer

#### Ficha de informação para participação no projeto:

- 1) Data de nascimento: ..... 2) Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro:.....
- 3) Local de moradia: ( ) Ilha do Governador. Local:..... ( ) Outro bairro. Qual?.....
- 4) Com quem mora: ..... 5) Trabalha? ( ) Sim ( ) Não
- 6) Qual o turno que você estuda? ( ) Manhã ( ) Tarde Noite ( )
- 7) Pretende ingressar no Ensino Superior em 2019?  
( ) Sim. Qual curso?..... ( ) Não ( ) Não sabe/ não decidiu
- 8) Inscreveu-se no ENEM/SISU 2018? ( ) Sim. ( ) Não
- 9) Caso não ingresse no ensino superior, o que planeja fazer quando terminar o ensino médio?  
.....
- 10) Você ocupou a escola em 2016? ( ) Sim ( ) Não
- 11) Ainda que não tenha ocupado, você participou indiretamente do movimento de ocupação? ( ) Sim. ( ) Não
- 12) Como você participava no movimento?  
( ) Divulgando o movimento em Redes Sociais via Facebook/ Twitter  
( ) Participando de reuniões  
( ) Filmando e Editando vídeos  
( ) Organizando Oficinas  
( ) Cozinhando / alimentação  
( ) Limpando e organizando o espaço físico da escola  
( ) Atuava como representante direto para falar com outros órgãos  
( ) Organizando passeatas  
( ) Confeccionando Cartazes  
( ) Outro. Qual .....
- 13) O movimento de ocupação teve que tipo de impacto na sua vida?  
.....  
.....
- 14) Já Participou de algum tipo de manifestação ou movimento social fora da escola? ( ) Sim ( ) Não
- 15) Você é ou já foi integrante de algum partido político? ( ) Sim ( ) Não
- 16) A escola possui grêmios estudantis? ( ) Sim ( ) Não
- 17) Se sim, você é membro do Grêmios? ( ) Sim ( ) Não
- 18) Considera que o movimento de ocupação foi positivo? ( ) Sim ( ) Não ( ) Em alguns aspectos  
Por quê?.....  
.....
- 19) Você acha que houve mudanças na escola depois do movimento? ( ) Sim ( ) Não
- 20) Você continua se envolvendo em atividades visando a busca de solução para problemas da sua escola? ( ) Sim.  
Quais?..... ( ) Não
- 21) Qual é sua cor/raça? ( ) Branco ( ) Preto ( ) Pardo ( ) Amarelo ( ) Indígena
- Nome: .....
- Deixe seu e-mail para receber informações sobre o projeto: .....